

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA



FILIFE SANTOS COSTA OLIVEIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA D.DUARTE, JUNTO DO 3ºPSI, DO 3ºANIM E COLABORANDO
COM O 10ºC, NO ANO LECTIVO 2013/2014**

**PREFERÊNCIAS DOS ALUNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
RELATIVAS AO TIPO DE DEMONSTRAÇÃO**

COIMBRA

2014

FILIFE SANTOS COSTA OLIVEIRA

Nº 2009111282

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA D.DUARTE, JUNTO DO 3ºPSI, DO 3ºANIM E COLABORANDO
COM O 10ºC, NO ANO LECTIVO 2013/2014**

Relatório de Estágio apresentado à
Faculdade de Ciências do Desporto e
da Educação Física – Universidade de
Coimbra com vista à obtenção do grau
de Mestre em Ensino da Educação Física
dos Ensinos Básicos e Secundário.

**Orientador FCDEF-UC: Mestre Paulo
Nobre**

**COIMBRA
2014**

Esta obra deve ser citada como:

Oliveira, F. (2014). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Secundária D.Duarte, junto do 3ºPSI, do 3ºANIM e colaborando com o 10ºC, no ano lectivo 2013/2014.*

Relatório de Estágio Pedagógico. Faculdade de Ciências do Desporto Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Eu, Filipe Santos Costa Oliveira, aluno nº 2009111282 do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, venho por este meio declarar por minha honra que este Relatório de Estágio Pedagógico constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar aqui os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que estiveram presentes, me apoiaram e acreditaram que seria possível alcançar este meu grande objectivo.

À minha família, pais e irmãos, apesar de estarem longe foram eles que sempre me incentivaram, permitiram continuar e me ensinaram a nunca desistir daquilo que ambicionamos.

A todos os meus colegas, treinadores e dirigentes do Clube Náutico Académico de Coimbra, o clube onde pratico Pólo Aquático desde 2009 e onde tenho a oportunidade de ser treinador dos escalões de formação desta modalidade, por todo o apoio que me têm dado e por me fazerem sentir em casa ao longo deste meu percurso académico.

À minha namorada pelo apoio incondicional que sempre me deu, motivando-me a dar o máximo e a ser melhor.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico, tanto da Licenciatura em Ciências do Desporto como do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Especialmente ao professor Fernando Costa que sempre me ajudou e me ensinou a ter uma postura profissional ao longo deste ano lectivo. Ao professor Paulo Nobre que, num ano com algumas condicionantes, conseguiu sempre mostrar-se disponível para ajudar e orientar este Estágio.

Às minhas colegas de Estágio, por todas as trocas de opiniões e conselhos, todos os momentos bons e menos bons que passámos, pela compreensão de algumas situações pessoais e por tudo o que passámos durante este ano, que foi único.

E, por fim, a todos os meus amigos que, apesar de nem sempre estarem presentes, sempre me apoiaram e acreditaram em mim.

A todos eles, um sincero muito obrigado por tudo.

RESUMO

No segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, está previsto no plano de estudos a realização de um Estágio Pedagógico, o qual consiste num período de formação profissional onde o estagiário irá desenvolver as suas competências como docente, aplicando na prática os conhecimentos da sua formação académica neste ramo.

O nosso Estágio Pedagógico decorreu na Escola Secundária D. Duarte, Coimbra, inicialmente junto da turma do terceiro ano do Curso Profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos (3ºPSI), durante a Unidade Didáctica de Ténis junto da turma do décimo ano do Curso de Humanidades (10ºC), e ainda como professor de Expressão Corporal junto da turma do terceiro ano do Curso Profissional de Animador Sociocultural (3ºANIM).

Este Estágio Pedagógico permitiu-nos ter uma vivência próxima à prática profissional de docente de Educação Física, complementando a nossa formação nesta área, promovendo a aquisição de novos saberes, práticos e mais específicos, que não podem ser adquiridos sem se passar pelo contacto directo com a comunidade escolar, com as turmas, os professores e os colegas de Estágio.

Neste relatório apresentamos o balanço das actividades realizadas no Estágio Pedagógico, descrevemos e reflectimos sobre as várias situações pelas quais passámos e sobre os resultados das aprendizagens realizadas.

O relatório irá ser desenvolvido em três partes, em que a primeira será essencialmente descritiva do contexto pedagógico em que o Estágio foi desenvolvido; a segunda consistirá numa reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas realizadas; e, por fim, na terceira apresenta-se o aprofundamento do tema/problema seleccionado “A Demonstração - Preferências dos alunos nas aulas de Educação Física relativas ao tipo de Demonstração”, no qual se concluiu existir coincidência entre as opções do professor e as preferências manifestadas pelos alunos.

Palavras-Chave: Estágio Pedagógico. Planeamento. Realização. Reflexão. Exercícios. Professor. Alunos. Processo ensino-aprendizagem. Intervenção Pedagógica. Demonstração.

ABSTRACT

In the second year of the Master's Degree in Teaching of Physical Education in Basic and Secondary Education in Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física, in the University of Coimbra, is planned in the syllabus the realization of a teaching practice, which consists in a period of vocational training where the internal teacher will develop competences as a teaching position applying the knowledge of the academic training.

Our teaching practice occurred in Secondary School "Escola Secundária D.Duarte", Coimbra, initially with the third year class of "Curso Profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos" (3ºPSI), with a class of the tenth grade of "Curso de Humanidades" (10ºC) as a Physical Education teacher, and still as a teacher of "Expressão Corporal" of the third year class of "Curso Profissional de Animador Sociocultural".

This teaching practice allowed us to have a close experience of a teaching position of Physical Education, completing our training in this area, promoting the acquisition of new knowledge, practical and more specific, that could not be acquired without experiencing direct contact with the schools community, with the classes, the teachers and the teaching practice colleagues.

In this report we present the balance of the activities done in the teaching practice, we describe and reflect about the various situations that happened and about the results of studies undertaken.

The report will be developed in three parts, where the first will be essentially descriptive of the educational context in which the teaching practice was developed; the second will consist of a critical reflection on the teaching practice carried out; and the third shows the deepening of the topic/issue selected "The Demonstration – Preferences of students in Physical Education classes regarding the type of demonstration" which concludes the existence of coincidences between the choices of the teacher and the preferences expressed by the students.

KEY WORDS: Teaching Practice. Planning. Realization. Reflection. Exercises. Teacher. Students. Teaching-learning process. Pedagogical intervention. Demonstration.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
LISTA DE ABREVIATURAS	X
1-INTRODUÇÃO	- 11 -
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA	- 12 -
2.1 EXPECTATIVAS INICIAIS	- 12 -
2.2. PLANO DE FORMAÇÃO INDIVIDUAL.....	- 13 -
2.3 OPÇÕES INICIAIS.....	- 14 -
2.4. CARATERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO	- 16 -
2.4.1. Caracterização da Escola	- 16 -
2.4.2 Recursos Espaciais.....	- 17 -
2.4.3. Recursos Materiais	- 18 -
2.4.4. Caracterização do Grupo de Educação Física.....	- 18 -
2.4.5. Caracterização das Turmas	- 19 -
3. ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	- 20 -
3.1. PLANEAMENTO	- 20 -
3.1.1. Plano anual	- 21 -
3.1.2. Unidades Didáticas.....	- 23 -
3.1.3. Planos de aula	- 25 -
3.2. REALIZAÇÃO	- 27 -
3.2.1. Instrução.....	- 27 -
3.2.2. Gestão	- 30 -
3.2.3. Clima.....	- 31 -
3.2.4. Disciplina	- 33 -
3.3. AVALIAÇÃO.....	- 33 -
3.3.1. Avaliação Diagnóstica.....	- 35 -
3.3.2. Avaliação formativa.....	- 36 -
3.3.3. Avaliação sumativa.....	- 37 -
3.3.4. Auto-Avaliação	- 38 -
3.3.5. Parâmetros e critérios de avaliação.....	- 39 -

3.4. RELATÓRIO REFLEXIVO DE AULA.....	- 39 -
3.5. ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL	- 40 -
3.6 JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS	- 41 -
3.7. APRENDIZAGENS ADQUIRIDAS E DIFICULDADES SENTIDAS	- 45 -
4. Aprofundamento do Tema Problema	- 48 -
4.1. INTRODUÇÃO	- 48 -
4.2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	- 49 -
4.3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA/PROBLEMA	- 51 -
4.4. HIPÓTESES DE TRABALHO	- 52 -
4.5. METODOLOGIA.....	- 52 -
4.6. RESULTADOS OBTIDOS.....	- 55 -
4.6.1. Demonstrações efectuadas nas aulas.....	- 55 -
4.6.2. Preferências dos alunos quanto ao tipo de demonstração	- 57 -
4.7. CONCLUSÃO	- 63 -
5. REFLEXÃO FINAL.....	- 65 -
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	- 67 -
7. ANEXOS	- 69 -
Anexo I - Materiais/Equipamento de Educação Física.....	i
Anexo II – Cronograma.....	i
Anexo III – Plano de aula	i
Anexo IV - Relatório Reflexivo de aula	ii
Anexo V – Grelha de avaliação Diagnóstica Futebol.....	v
Anexo VI – Tabela de registo da avaliação Formativa.....	vi
Anexo VII – Grelha da avaliação Sumativa (Aeróbica)	vii
Anexo VIII – Ficha de Auto-Avaliação Modular	viii
Anexo IX – Ficha de Observação (Demonstração)	ix
Anexo X – Inquérito (Demonstração).....	x
Anexo XI – Resultados da análise dos inquéritos.....	xii

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Avaliação Diagnóstica

AECO – Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste

AF – Avaliação Formativa

AS – Avaliação Sumativa

EC – Expressão Corporal

EDF – Educação Física

FB - Feedback

FCDEF-UC – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PFI – Plano de Formação Individual

POPH - Programa Operacional Potencial Humano

UD – Unidade Didáctica

10ºC – Turma do décimo ano do ensino regular

3ºANIM – Turma do 3ºano do Curso Profissional de Animador Sociocultural

3ºPSI – Turma do 3º ano do Curso Profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos

1-INTRODUÇÃO

Este Relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, inserida no plano de estudos do 2º ano do Mestrado de Ensino em Educação Física (EDF) dos Ensinos Básico e Secundário da FCDEF-UC. Refere-se ao Estágio Pedagógico realizado no ano letivo 2013/2014 na Escola Secundária D. Duarte, Coimbra, com a turma do terceiro ano do Curso Profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, equivalente ao décimo segundo ano do ensino regular, e, por um curto período, com uma turma do décimo ano do Curso de Humanidades (10ºC), leccionando ainda Expressão Corporal à turma do terceiro ano do Curso Animador Sociocultural.

A orientação deste estágio foi efectuada, da parte da Faculdade de Ciências do Desporto e EDF, pelo Professor Paulo Nobre e, da parte da Escola Secundária D. Duarte, pelo Professor Fernando Costa.

Neste relatório relataremos resumidamente todo o trabalho desenvolvido durante este ano lectivo como docente estagiário, neste primeiro contacto com um contexto escolar real, momento que representa o início da profissionalização dos estudantes de Educação Física. É através do período de Estágio que se consolidam os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do trajecto de formação académica, experimentando aplicá-los na prática, e que se começa a definir o professor que iremos ser no futuro.

Esta oportunidade é excelente para o professor estagiário aumentar o seu leque de conhecimentos e saberes práticos, visto que passa por uma vivência bastante rica em termos de contactos com profissionais mais experientes, em que todas as situações, todas as tarefas, todas as conversas, todos os momentos passados e vividos poderão representar situações de aprendizagem e de motivo de reflexão.

Neste relatório será então registado um resumo descritivo e reflexivo de todos os momentos que contribuíram para a aprendizagem do saber ser professor de EDF, as reflexões, os problemas e as situações experienciadas, nomeadamente no contacto directo com os alunos. Apresenta-se igualmente o tratamento do tema que

podemos desenvolver sob a forma de estudo prático, no nosso caso sobre a Demonstração nas aulas de Educação Física.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

2.1 EXPECTATIVAS INICIAIS

As expectativas com que chegámos a este Estágio Pedagógico reflectem aspectos da nossa personalidade e o gosto pessoal pela actividade de ensinar. Desde cedo, em toda a vida, estivemos envolvidos em ambientes com crianças e jovens em que, de diversas maneiras, desempenhámos o papel de aluno e o papel de professor. Na família, com irmãos e primos, ou na vizinhança, com os amigos, a nossa maneira de brincar passava muito por actividades desportivas no exterior, aquilo a que se pode chamar hoje “brincar na rua”. Lembramo-nos de ensinar os mais novos a andar de bicicleta, a bater uma bola com um taco de basebol, a nadar, a aprender a driblar uma bola, de inventar jogos com amigos e vizinhos, e de muitas mais situações semelhantes a estas. Na escola lembramo-nos de nos sentirmos ansiosos pelas aulas de Educação Física e de pensar “o que iremos aprender hoje na aula?”. Concluímos o ensino secundário no Curso Tecnológico de Desporto, e neste âmbito pudemos igualmente vivenciar diferentes situações de ensino-aprendizagem, em registos mais ou menos formais. Foi, portanto, para nós muito natural prosseguir na área do Desporto no Ensino Superior e, em particular, na área da EDF.

As expectativas iniciais a propósito do Estágio Pedagógico eram, então, aprender, na prática e formalmente, a ser professor de Educação Física, com o apoio de professores e colegas, planificando, discutindo e reflectindo sobre os resultados das diversas actividades a desenvolver em contexto real. Neste primeiro momento de inserção em contexto escolar, esperávamos igualmente conseguir uma boa integração na comunidade escolar, podermos participar activamente na vida da instituição, interagindo de forma adequada e colaborando com todos, incluindo os colegas do núcleo de estágio, e manifestando disponibilidade para nos associarmos às diversas propostas de acção que a escola nos possibilitasse.

2.2. PLANO DE FORMAÇÃO INDIVIDUAL

O Plano de Formação Individual (PFI) é o documento elaborado na fase inicial do Estágio Pedagógico e apresenta a definição de metas a atingir durante o ano lectivo após um primeiro contacto com a escola. Este PFI é de extrema importância nos processos de auto-avaliação e de orientação pedagógica, visto que realizámos uma auto-análise do nível de competências consolidadas até ao momento, identificando-se pontos fortes e fracos, passando de seguida a referir as fragilidades mais específicas.

Neste PFI referimos as aprendizagens e as tarefas que nos propusemos realizar, de maneira a ultrapassar as dificuldades identificadas com o objectivo de complementar a nossa formação, referindo-se ainda como avaliar a progressão neste processo de aprendizagem e de formação - avaliação do desempenho no estágio.

Pode-se, então, dizer que, para elaborar o PFI foi feita uma auto-análise do nível de competências consolidadas, em que os pontos fortes destacados foram a capacidade de valorizar as dimensões controlo da turma, qualidade de feedback (FB), observação, relacionamento com os alunos; a postura não demasiado autoritária, mas sim equilibrada, no que diz respeito à maneira de comunicar com os alunos, salvaguardando a especificidade do papel de docente estagiário; o prazer enorme de leccionar aulas a alunos com estas idades, por se tratar de uma nova experiência; a boa formação académica, facilitadora do planeamento e da pesquisa e recolha de informação.

Quanto aos pontos fracos identificados dizem respeito a algumas lacunas relativas aos aspectos burocráticos específicos dos cursos profissionais; dificuldade na leccionação de algumas modalidades; e o risco de perda de alguns pormenores importantes de observação, correcção e controlo de turma.

No PFI considerámos ainda pertinente identificar as fragilidades de desempenho apresentadas até ao momento, que foram o leccionar aulas de 135 minutos, o que implica que os módulos, ou Unidades Didáticas, tenham uma curta duração no tempo, isto é, entre 3 a 5 semanas, o que, por sua vez, não facilita

o processo de reflexão e balanço da aula para ponderar estratégias alternativas e diversificadas a aplicar nas aulas seguintes.

Outro aspecto identificado foi a dificuldade sentida em leccionar Expressão Corporal e Ginástica Acrobática, o que nos obrigou a realizar uma pesquisa intensiva sobre os conteúdos a abordar.

Finalmente, um factor externo identificado no PFI foi o facto de ser simultaneamente estudante e trabalhador, com actividade profissional em regime de part-time, Treinador de Pólo Aquático e professor de natação, actividade que poderia ocupar tempo e que, nesse sentido, poderia interferir com o tempo a dedicar ao estágio.

2.3 OPÇÕES INICIAIS

Antes do início do Estágio Pedagógico, antecipámos, em pensamento, como seria ser professor numa escola, imaginávamo-nos a leccionar aulas de Educação Física, o que nos deixou bastante motivados para iniciar esta etapa do percurso académico, considerando que esta poderia ser uma experiência extremamente enriquecedora a todos os níveis. Tivemos sempre a noção de que este ano seria fulcral para o nosso desenvolvimento como docentes e para continuar a aprender, desta vez num contexto real, prático.

Quanto ao local de estágio, a nossa primeira opção foi a Escola Secundária D. Duarte, Coimbra, por várias razões.

Primeiro, foi a escola onde a minha mãe estagiou quando finalista do curso de Psicologia, o que nos fez criar um laço sentimental com esta escola, conhecendo mais tarde a sua orientadora de estágio, que ainda hoje lá trabalha, Dra. Isabel Morais.

Segundo, como a nossa experiência prévia era com crianças desde as idades mais tenras até aos quinze anos, escolhemos esta escola por esta ser uma Escola Secundária, que teria alunos de idade mais avançada, o que nos permitiria ganhar

experiência a lidar com a população de adolescentes e jovens, alargando assim o nosso leque de experiência.

Terceiro, a Escola Secundária D. Duarte tem uma localização, do nosso ponto de vista, privilegiada. Para a disciplina de Educação Física pode-se tornar bastante enriquecedor realizar actividades ao ar livre, junto ao rio Mondego, no Parque Verde, ou até mesmo leccionar aulas de matérias em que mais nenhuma escola em Coimbra tem facilidade, como por exemplo no domínio da Canoagem.

A turma 3º PSI que nos foi atribuída para leccionar EDF foi escolhida pelo Professor Fernando Costa. Tratava-se de uma turma constituída por dez rapazes e apenas uma rapariga, sendo que tinha apresentado algumas particularidades em anos anteriores em termos de comportamento; por essa razão, foi considerado que seria melhor ter um professor estagiário masculino, e não uma professora. Por seu turno, as colegas do núcleo de Estágio ficariam encarregues de leccionar uma turma do (3ºANIM), maioritariamente alunas, e uma turma do primeiro ano do Curso Profissional de Restaurante/Bar, equilibrada em termos de rapazes/raparigas.

Apesar de não ter correspondido a uma escolha determinada por nós, ficámos bastante satisfeitos com a turma atribuída, visto tratar-se de uma turma com alunos mais velhos, tal como esperávamos encontrar neste Estágio.

Atendendo a que estas turmas apenas tinham uma aula de Educação Física por semana, foi ainda decidido que aos três estagiários do Núcleo seria atribuída a leccionação do módulo de Expressão Corporal na turma do 3ºANIM, completando-se desta maneira o horário semanal.

2.4. CARATERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO

2.4.1. Caracterização da Escola

A escola Secundária D. Duarte é uma escola pública localizada em Coimbra, onde funciona o ensino secundário com cursos científico-humanísticos e cursos profissionais.

Situa-se na zona de Santa Clara, com instalações em frente à Quinta das Lágrimas, na margem sul do Rio Mondego, próximo do Parque Verde, do Estádio Universitário e do Portugal dos Pequenitos.

A escola inicialmente denominava-se Liceu Nacional de D. Duarte, e foi criada em 1964 pelo Decreto-Lei nº 45636/64 de 31 de Março. No entanto, os primeiros 532 alunos só foram recebidos no ano letivo de 1967/1968. Neste mesmo ano foram instaladas no edifício duas secções de outras escolas de Coimbra: a secção mista do Liceu Normal de D. João III e a secção da Escola Técnica de Avelar Brotero.

Apenas no ano letivo de 1968/1969 a escola passou a funcionar como Liceu Nacional de D. Duarte. Nesse ano, abria aqui também a secção da Escola Preparatória de Eugénio de Castro, a qual, sem êxito, encerrou no ano seguinte.

Conta a história da instituição que a inauguração oficial do Liceu Nacional de D. Duarte ocorreu a 17 de Abril de 1969, data oficial de inauguração, com a presença do Senhor Presidente da República de então.

Esta Escola tornou-se mista, sendo frequentada nos vários anos por turmas de rapazes e raparigas, sendo procurada por um grande número de alunos, por considerarem esta Escola diferente das outras, mais aberta, à época, à evolução das mentalidades.

Em Coimbra, o Liceu D. Duarte foi o primeiro a aceitar alunos invisuais nas turmas normais e, durante alguns anos, foi o único a aceitar alunos com necessidades educativas especiais (NEE), potenciando esta inserção nos outros estabelecimentos. No ano letivo de 1985/1986 passou a ser sede de uma equipa de

Ensino Integrado, dispondo de duas professoras para apoio à integração dos seus 16 alunos portadores de deficiência visual ou motora.

No ano de 1978, o Liceu D. Duarte passou a ser denominado de Escola Secundária de D. Duarte, por via do artigo 1º. do DL n º80/78 de 17 de Abril. Por coincidência, a alteração do nome aconteceu no mesmo dia e no mesmo mês da data de criação do Liceu.

Na actualidade, a Escola Secundária D. Duarte integra o Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste (AECO). Este Agrupamento de Escolas foi criado por decisão do Ministério da Educação e Ciência, através de despacho do Senhor Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar exarado a 28 de Junho de 2012. Nasceu a 4 de Julho do mesmo ano, sendo constituído pela Escola Secundária D. Duarte e pelos extintos Agrupamentos de Escolas Inês de Castro e de Taveiro (Projeto de Intervenção 2013-2017, AECO).

Trata-se de um agrupamento vertical que integra 22 estabelecimentos de educação e de ensino distribuídos por 6 freguesias: Arzila, Ameal, Ribeira de Frades, S. Martinho do Bispo, Santa Clara e Taveiro, tendo como escola sede a Escola Secundária D. Duarte.

A oferta educativa na Escola Secundária D. Duarte é diversificada, sobretudo ao nível dos cursos profissionais.

2.4.2 Recursos Espaciais

A Escola Secundária D. Duarte, para além das instalações base, possui vários pequenos anexos que servem para arrumação e para, eventualmente, a realização de actividades extraordinárias.

Especificamente no que diz respeito à Educação Física, possui um Pavilhão Gimnodesportivo, uma Galeria com espelhos e colchões e uma sala de visualizações dentro do Pavilhão. No espaço exterior possui dois campos de Voleibol, um campo de Futebol, marcações e tabelas laterais para dois campos de Basquetebol, dois espaços polivalentes alternativos e uma caixa de areia. Fora da

estrutura do edifício principal da escola, mas ainda dentro do recinto escolar, possui dois blocos de salas onde se encontram espaços adequados para o Ténis de Mesa e para actividades de Dança.

2.4.3. Recursos Materiais

A Escola Secundária D. Duarte tem várias salas para arrumação do material destinado à EDF, organizado por modalidades ou utilidade.

Possui recursos materiais destinados às seguintes modalidades: Andebol, Basquetebol, Futebol, Voleibol, Ténis, Ténis de mesa, Badmínton, Canoagem, Atletismo, Ginástica de solo, Ginástica de aparelhos, Ginástica Acrobática e Dança, (anexo I).

2.4.4. Caracterização do Grupo de Educação Física

No presente ano letivo, o grupo disciplinar de EDF da Escola Secundária D. Duarte era composto por seis professores e três estagiários da FCDEF-UC.

Professores	Estagiários
Fernando Costa	Filipe Oliveira
Fernando Simões	Micaela Simões
Luís Bonito	Tânia Alves
Isabel Campos	
Jorge Jerónimo	
Pedro Fonseca	

2.4.5. Caracterização das Turmas

A caracterização das turmas foi efectuada com base nos inquéritos preenchidos online pelos alunos e pelos respetivos encarregados de educação, no início do ano lectivo.

A turma do 3ºPSI é constituída por 14 alunos, 13 do sexo masculino e apenas 1 do feminino. Há 4 alunos repetentes, 3 dos quais já finalizaram todos os módulos de EDF, e um que apenas tem um módulo em atraso.

Na disciplina de EDF, a turma fica reduzida então a 10 alunos, 9 rapazes e apenas uma rapariga.

As idades dos alunos desta turma estão compreendidas entre os 17 e os 22 anos de idade.

Relativamente ao local de residência, 6 dos alunos residem a mais de dez quilómetros da escola, e 6 dos alunos utilizam o autocarro como meio de transporte de casa para a escola.

Quanto aos hábitos desportivos, foram questionados os dez alunos na primeira aula de EDF e pudemos registar que apenas 2 fazem desporto federado, modalidade Futebol, 4 já fizeram desporto federado mas de momento não fazem qualquer tipo de actividade, e os outros 4 nunca fizeram nenhum desporto ou actividade física regular excepto na escola, na disciplina de Educação Física.

Quanto à turma do 3º ANIM, turma em que leccionámos o módulo de Expressão Corporal, é constituída por 22 alunos, 18 do sexo feminino e 4 do sexo masculino. As idades dos alunos estão compreendidas entre os 17 e os 21 anos de idade.

10 dos alunos residem a mais de 10 quilómetros da escola. 15 dos alunos da turma são subsidiados, através de verbas pelo Programa Operacional Potencial Humano (POPH). A maior parte dos alunos não possui computador portátil.

No que diz respeito ao percurso escolar destes alunos, 16 são repetentes em pelo menos um ano de escolaridade.

Na turma estão presentes duas alunas com NEE, sendo as suas dificuldades e limitações, face aos colegas, bastante evidentes.

Quanto ao 10^oC, turma do curso científico-humanístico de Humanidades, é uma turma constituída por 28 alunos, alguns deles repetentes e que já não frequentam a Educação Física por já a terem concluído, nas aulas da disciplina estão presentes 21 alunos, dos quais 11 são rapazes e 10 são raparigas.

O questionário para esta turma é diferente dos questionários aplicados às restantes turmas por se tratar de uma turma de décimo ano, sendo o primeiro ano na Escola Secundária D. Duarte para a maioria dos alunos.

Dos 28 alunos, 16 escolheram este curso por gostarem das disciplinas e preferirem a área das Humanidades, e 21 escolheram a Escola Secundária D. Duarte por questões de proximidade à zona de residência.

20, dos 28 alunos, pretendem continuar a estudar num curso superior ou prosseguir estudos noutra modalidade após a conclusão do ensino secundário.

3. ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.1. PLANEAMENTO

Planear exige a definição clara de um propósito e a clarificação de uma orientação estratégica para alcançar esse propósito. Planeia-se para chegar a determinado fim, à situação desejada.

O plano é um instrumento racional, é um meio de reconhecimento antecipado que permite regular situações. O plano possui funções de motivação e estimulação, orientação e controlo transmissão de vivências e experiências e, ainda, de racionalização da acção.

O professor deve, então, através de princípios pedagógicos, psicológicos e didáctico-pedagógico, planear consoante as indicações contidas no programa, tendo em conta um conjunto de condicionantes que podem ser pessoais, sociais, materiais e locais. Planear é mais do que identificar as simples intenções de alcançar um

objectivo; é necessário, também, operacionalizar esse plano, prevendo técnicas e procedimentos a utilizar, sequências de actividades estrategicamente organizadas e formas de avaliação pertinentes.

É importante frisar que um plano será apenas um instrumento que auxiliará o processo de Ensino-Aprendizagem, podendo este necessitar de alterações para se adequar ao contexto prático e responder a eventuais particularidades da situação.

Para planear há que ter em conta que existem vários tipos de planeamento, os quais que deverão ser ponderados e organizados ao longo de um determinado período temporal, como o ano lectivo.

3.1.1. Plano anual

Segundo Bento (1998), a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino.

Elaborar um plano diz respeito à planificação das actividades a desenvolver ao longo do ano lectivo, de acordo com diversos factores, como os objectivos do ano, o quadro sobre o volume de horas e as matérias, a determinação de prazos e as datas, os processos de controlo de rendimento e/ou de aprendizagem, assim como o contexto em que vai ser implementado.

Para a realização do plano anual da turma do 3ºPSI, a primeira turma que leccionámos, começámos por verificar as matérias que os alunos teriam que abordar, visto tratar-se de uma turma de um Curso Profissional, funcionando por módulos. Os módulos a leccionar eram:

Actividades de Exploração da Natureza, em que poderíamos optar por Canoagem ou Orientação, visto serem as duas matérias habituais na Escola Secundária D. Duarte. Optámos por Canoagem, por opção pessoal, de acordo com o conhecimento da turma, e, principalmente, por considerarmos que a escola tem excelentes condições para a prática devido à sua localização muito próxima do rio Mondego.

- Jogos Desportivos Coletivos – III, em que poderíamos optar entre Futebol ou Andebol, visto que a turma já tinha realizado as outras duas modalidades, Voleibol e Basquetebol, nos anos anteriores.
- Ginástica – III, em que apenas poderíamos leccionar Ginástica Acrobática, porque a turma já tinha realizado no 1º e 2º ano Ginástica de Solo e de Aparelhos.
- Dança – III, que inclui Danças Sociais e Danças Tradicionais Portuguesas, módulo no qual fizemos uma adaptação derivado às características da turma (desequilíbrio entre o número de rapazes e raparigas) para evitar constrangimentos na formação de pares para as danças, optando por desenvolver Aeróbica.
- Aptidão Física, módulo comum a todos os anos do curso.
- E, por fim, a Atividade Física / Contextos e Saúde – III.

A nossa primeira tarefa consistiu em realizar um Cronograma que nos permitisse calendarizar as aulas, distribuindo-as pelo ano lectivo, de maneira a poder posteriormente planear, efectivamente, os módulos, ou Unidades Didácticas (Anexo II).

Para a turma do 3º ANIM, no Módulo de Expressão Corporal o planeamento anual dividiu-se por dois turnos, já que a turma era bastante numerosa e tinha Expressão Musical em simultâneo com a Expressão Corporal.

Para a turma do 10ºC, o plano anual foi feito pelo professor Fernando Costa, visto ser este o titular da turma e quem iria leccionar as restantes UD.

É importante referir que o plano anual para as três situações das diferentes turmas foi construído como esboço orientador do processo de ensino das matérias, considerando-se que poderia, sempre que necessário, comportar alterações.

3.1.2. Unidades Didáticas

As Unidades Didáticas (UD) representam a segunda etapa do planeamento, podendo este ser chamado de planeamento a médio prazo. As UD incorporam objectivos para uma só matéria a abordar durante um período de tempo, mais reduzido em comparação com a duração do ano lectivo.

Segundo Bento (2003), as unidades didáticas são fundamentais no processo pedagógico, apresentando aos professores e aos alunos etapas do processo de ensino-aprendizagem.

As UD devem conter os objectivos do ciclo, a sistematização da matéria e a sequência didáctico-metodológica das aulas, de maneira a “conduzir” o processo ensino-aprendizagem, podendo haver alterações se necessário.

Segundo Nobre (2012), a unidade didáctica deverá ainda dar resposta às questões “o que ensinar”, “quando ensinar”, “como ensinar” e “como e quando avaliar”.

Relativamente à questão “o que ensinar”, analisámos os objectivos e os conteúdos do Programa dos Cursos Profissionais, para cada UD, de maneira a ajustá-los à realidade do contexto escolar e ao contexto das turmas. O processo inicial, de avaliação diagnóstica, permitiu-nos seleccionar competências fundamentais a desenvolver nas aulas, assim como conhecer as diferenças entre os alunos, podendo desta maneira classificar os alunos por níveis de desempenho.

Quanto à questão “quando ensinar”, as UD foram organizadas sequencialmente por conteúdos, o que nos permitiu organizar e sistematizar o processo de ensino. Os conteúdos foram sempre introduzidos dos mais simples (gestos técnicos básicos de cada modalidade) para os mais complexos, respeitando desta maneira o desenvolvimento dos alunos e as suas eventuais dificuldades.

A questão “como ensinar” esteve relacionada com algumas condicionantes da escola, nomeadamente a rotação de espaços, materiais disponíveis e ainda condições atmosféricas. Porém, para esta questão é igualmente fundamental o domínio das estratégias de ensino. Segundo Kulinna & Cothran (2003), o domínio e

a percepção da importância dos vários estilos de ensino não significa que o professor os aplique. Contudo, o bom domínio e a utilização de Estilos de Ensino diversificados, segundo Nobre (2011), auxiliará na compreensão da natureza construtivista da aprendizagem, resulta no aumento da diferenciação dos alunos, serve para adaptar o ensino a diferentes alunos que possuem diferentes estilos de aprendizagem e diferentes tipos de inteligência, procurando potenciar níveis de aprendizagem mais complexos.

Siedentop (1998) refere que o que difere as estratégias de ensino é a sua adequação a um determinado contexto. Ou seja, terá que se respeitar o contexto, as características da turma, o meio escolar e as individualidades dentro da turma.

Por fim, a questão “como e quando avaliar”. De acordo com Nobre (2012) “avaliar significa examinar o grau de adequação entre um conjunto de informações e um conjunto de critérios adequados a um determinado objectivo, tendo em vista a tomada de uma decisão”.

Ou seja, avaliar corresponde à recolha de informação que possibilite a realização de um juízo de valor que permita tomar uma decisão, de forma a ajustar a prática pedagógica às características de cada aluno.

Existem três tipos de avaliação: a avaliação diagnóstica, que deve ser realizada no início de uma UD, de maneira a saber o nível do aluno; a avaliação formativa, normalmente realizada durante o processo de ensino, com o objectivo de avaliar a evolução dos alunos em função do “ponto de partida”, ou avaliação diagnóstica, de maneira a verificar se serão necessários ajustes no processo de ensino e reformulação de estratégias; e a avaliação sumativa, geralmente realizada no final da UD, com um objectivo conclusivo e de atribuição de uma nota ou classificação, sobre o resultado final relativamente aos objectivos pretendidos.

Procurámos desta maneira realizar o planeamento das UD, sempre com o objectivo de calendarizar os momentos de introdução, exercitação, consolidação e avaliação de cada conteúdo consoante os objectivos definidos.

3.1.3. Planos de aula

Os planos de aula são planos a curto prazo, para uma só aula, que tendem dar sequência aos objectivos propostos na UD. Segundo Bento (2003), o plano de aula deverá partir do planeamento da UD, respeitando os seus objectivos e conteúdos.

O plano de aula construído e utilizado durante este ano de Estágio Pedagógico contém um cabeçalho que descreve o tipo de aula, referindo informações como o número da aula, a data, o tempo de aula, o espaço, a duração, o número de alunos, as competências a desenvolver, a função didáctica e os recursos materiais (Anexo III).

O corpo do plano de aula apresenta-se numa tabela, onde se divide a aula em três partes: parte inicial, parte fundamental e parte final, de maneira a distinguir as diferentes fases da aula.

A primeira parte do plano, parte inicial, tem como objectivo a realização da espera da chegada dos alunos, o controlo de presenças, a prelecção inicial e a activação geral em que os alunos se preparam física e psicologicamente para a prática. Segundo Ferreira (1994), esta primeira parte da aula visa a preparação do aluno para o tipo de trabalho que irá desenvolver, de acordo com o objectivo principal da aula. Esta activação geral/aquecimento, sempre que possível foi diferente de aula para aula e sempre que possível, foi direccionado para a matéria que se iria abordar ao longo da aula, promovendo assim um transference entre o aquecimento e os conteúdos da parte fundamental da aula.

Na segunda parte, parte fundamental, estão descritos os principais exercícios da aula que pretendem fazer com que se alcance os objectivos previstos para a aula.

A parte final, segundo Ferreira (1994), serve para permitir que o organismo volte a um estado o mais próximo possível do inicial, isto é, será dedicada ao retorno à calma, baixando a temperatura corporal e a frequência cardíaca dos alunos; ao balanço final da aula, podendo por vezes ser utilizado o questionamento nesta conclusão da aula; e ainda à arrumação do material, visto que esta será da responsabilidade da turma. Nesta última parte da aula, poderá ainda ser transmitida

alguma informação extra relativa a outros assuntos não relacionados directamente com a aula.

Segundo Bento (2003) a parte final pode ainda ser utilizada para a criação de determinadas condições favoráveis às aulas seguintes.

Em todos os planos de aula, e nas três partes da aula, apresentamos uma descrição das tarefas/situações de aprendizagem, das condições de realização e organização, objectivos específicos, critérios de êxito, estilos de ensino e palavras-chave.

Para cada plano de aula elaborámos uma justificação, relacionando os exercícios com os níveis dos alunos, com as aulas anteriores e com os respectivos registos de desempenho, assim como com os objectivos da UD.

Inicialmente, as maiores dificuldades por nós sentidas passaram pela organização dos exercícios e pelo cálculo do tempo para cada exercício; com a prática e a experiência, repetidas a cada aula, estas dificuldades foram desaparecendo.

O plano de aula deve ser bem pensado e ponderado, tendo em consideração a possibilidade de alguns imprevistos, como por exemplo: alunos a faltar, o que pode afectar a organização dos grupos previamente definidos; condições atmosféricas adversas à prática no exterior; recursos materiais ou instalações indisponíveis; entre outros. Por essa razão, em associação com a elaboração de cada plano de aula coube-nos prever certas situações e pensar em planos alternativos.

Por fim, concluindo o tema do planeamento, podemos fazer um balanço positivo. Este foi, porém, um processo bastante intensivo e trabalhoso, já que na Escola Secundária D. Duarte não existia qualquer tipo de plano ou estrutura de planos que nos permitissem obter orientação para a elaboração dos nossos próprios planos, nas diferentes Unidades Didáticas.

No entanto, consideramos que todo o trabalho desenvolvido em torno do planeamento poderá servir para uma futura utilização e/ou adaptação por parte dos docentes e futuros estagiários, permitindo assim o progresso e a eventual melhoria desta documentação, em função dos resultados obtidos com a sua utilização. É de

frisar ainda que todas as tarefas de planificação tiveram acertos ao longo do ano lectivo, seguindo os conselhos dos professores mais experientes da escola que auxiliaram nas nossas próprias tomadas de decisão.

3.2. REALIZAÇÃO

Ao longo do ano lectivo, através do contacto com as várias situações que surgiram durante as aulas de Educação Física das turmas do 3ºPSI e do 10ºC, e nas aulas de Expressão Corporal da turma do 3ºANIM, apercebemo-nos que os professores devem dominar uma grande diversidade de habilidades de ensino e devem saber adequá-las a cada turma e a cada contexto, para poderem, assim, superar todas as dificuldades e problemas que poderão surgir na realização das aulas. Porque ensinar não consiste apenas na transmissão de conhecimentos, mas sim na criação de oportunidades para os alunos desenvolverem um espírito de tomada de decisão e de raciocínio sobre a temática ou tarefa, conduzindo-os até chegarem aos resultados que se esperam das situações de aprendizagem.

Só desta maneira será possível ao professor controlar o processo Ensino-Aprendizagem, guiá-lo de encontro aos objectivos previstos tanto ao nível individual como ao nível do grupo turma.

Para isso, é de referir que o professor deverá dominar técnicas de intervenção pedagógica relacionadas com as dimensões Instrução, Gestão, Clima e Disciplina.

3.2.1. Instrução

Segundo Aranha (2007), a instrução abrange as intervenções do professor referentes ao conteúdo de ensino e à forma de realizar a tarefa. Durante a instrução, o professor deverá usar a preleção, o questionamento, a demonstração e o FB, promovendo a diminuição do tempo passado em explicações, aumentando subsequentemente o tempo de prática, o controlo da prática após a utilização do FB,

aperfeiçoamento da qualidade do FB, aumento da diversidade do FB, controlo da prática dos alunos, utilização de estratégias de ensino e garantia da qualidade e pertinência da informação.

Nas aulas de Educação Física procurámos sempre transmitir os conteúdos através de um discurso simples, de maneira a que os objectivos fossem percebidos por todos os alunos, evitando ainda grandes momentos de explicações e aumentando o tempo de empenhamento motor dos alunos na prática da aula.

Relativamente aos FB durante as aulas de Educação Física, procurámos ser oportunos ao emitir FB variados, tendo em conta a sua pertinência e qualidade. Sempre que possível fechámos o ciclo dos FB, promovendo momentos de interiorização por parte dos alunos, encaminhando-os para os objectivos das tarefas e para o seu melhoramento.

O FB ultrapassa a simples informação do correcto ou incorrecto, procura indicar especifica e detalhadamente os aspectos que o aluno deve modificar, de maneira a melhorar a sua prestação global.

O FB positivo foi bastante utilizado nas aulas, e procurámos variar a sua comunicação de maneira a não generalizar o mesmo FB para todos os alunos. O FB positivo pode ter um efeito bastante benéfico na sala de aula, melhorando o clima da aula, a motivação dos alunos e, subsequentemente, a qualidade das tarefas executadas.

No final das aulas, em jeito de conclusão, procurámos sempre utilizar o questionamento de maneira a conseguir fazer um balanço da aula, momento em que os alunos tiveram um papel activo revelando os seus conhecimentos relativamente aos objectivos da aula. Neste balanço final, muitas vezes questionámos a turma sobre o que se esteve a trabalhar na aula, componentes de gestos técnicos e ainda questões de ética e de segurança.

Para o bom funcionamento desta fase final da aula, procurámos nomear sempre um aluno antes de realizar a questão de maneira a conseguir a participação de todos os alunos. A valorização da resposta do aluno também é importante e, sempre que esta não era correcta ou estava incompleta, procurámos ajudar a que este reflectisse sobre a mesma, podendo reformular ou corrigir as suas respostas.

Quanto à demonstração, foi o tema que maior interesse nos despertou, visto que surgiram várias situações em que foi utilizada esta vertente da instrução. Sempre que foi introduzido uma nova UD, um gesto técnico, uma revisão da matéria, uma correcção, procurámos demonstrar ou pedir aos alunos que demonstrassem, para que todos tivessem a oportunidade de visualizar a habilidade motora em causa de maneira a interiorizá-la e a melhorá-la.

Procurámos sempre variar o modelo tendo em consideração que, sempre que o professor servir de modelo, poderá perder o controlo da turma. Porém, em algumas UD, o facto de não possuímos um aluno modelo obrigou necessariamente à utilização do professor como modelo.

Diversas estratégias foram utilizadas ao longo do ano lectivo no que diz respeito à demonstração. Em determinados momentos, depois de todos dominarem as componentes críticas dos gestos técnicos, decidiu-se utilizar um aluno para efectuar a demonstração para a turma ou para um grupo de alunos, pedindo-se que os observadores detectassem possíveis erros; desta maneira, quando um aluno detectasse um erro, passaria a ser ele a realizar a demonstração, corrigindo o erro do aluno anterior, o que permitia aos observadores procurar novos erros neste novo modelo.

Em diversos momentos, principalmente na turma do 3ºPSI, aconteceu haver alunos que procuravam esclarecer dúvidas com os próprios colegas, criando situações de demonstração e de correcção entre alunos e por iniciativa própria, o que nos despertou, por um lado, preocupação e, ao mesmo tempo, interesse. A preocupação deveu-se ao facto de não conseguirmos controlar estes momentos em que os alunos estão a corrigir-se e a realizar a demonstração entre si, o que poderia originar maus resultados, erros nos gestos ou “vícios”. O interesse surgiu porque esta observação nos permitiu questionar se os alunos preferem ver uma demonstração feita pelos colegas e se, em última análise, poderão os alunos querer ser os próprios agentes de ensino.

Foi possível verificar que os alunos das turmas 3ºPSI e 3ºANIM, em actividades de grupo, em que teriam que cooperar, tiveram sempre uma atitude de cooperação e de ensino recíproco, parecendo este facto significar que, em alguns momentos, os alunos queriam ser, eles próprios, agentes de ensino. Quanto à

questão sobre se os alunos preferem ver uma demonstração feita pelos seus colegas, as observações realizadas levaram-nos a querer investigar e, por essa razão, este foi o Tema Problema seleccionado para ser apresentado neste mesmo relatório.

3.2.2. Gestão

Claro & Filgueiras (2009) referem que o professor deve demonstrar competências ao nível da comunicação, organização, regras e atitudes para manter o clima e gerir o tempo de aula.

Na nossa opinião, para que haja uma boa gestão de aula é importante criar alguns hábitos, rotinas e regras que possibilitem uma boa organização e aproveitamento do tempo de aula e do empenhamento motor.

Nas primeiras aulas com cada turma, tivemos uma conversa alertando para a importância da pontualidade, permitindo apenas 5 minutos de tolerância em casos excepcionais, e não apenas por estar estipulado no regulamento.

Como as aulas de Educação Física do 3ºPSI e de Expressão Corporal do 3ºANIM eram de 135 minutos, propusemos inicialmente aos alunos que, se prescindissem do intervalo de 10 minutos a que têm direito em aulas com uma duração superior a 90 minutos, poderiam sair esse tempo mais cedo. Esta estratégia não tinha como objectivo deixar os alunos sair mais cedo, mas sim evitar interrupções no decorrer da aula para aproveitar melhor o tempo, dinamizando a aula como um só bloco, evitando perdas de tempo com o intervalo e nova espera de chegada dos alunos por eventuais atrasos que poderiam acontecer.

Estratégias como usar um apito, em casos excepcionais, para chamar a atenção dos alunos quando estes não estão concentrados na tarefa, de maneira a que estes se reúnam rapidamente perto do professor, ou como quando realizarmos o plano de aula pensarmos já em transições entre tarefas, e/ou, ainda, formar grupos antes das aulas, são excelentes exemplos que utilizámos de maneira a evitar

perdas de tempo e a promover melhor aproveitamento do tempo de empenhamento motor e de situações de aprendizagem.

É de destacar ainda que, nas nossas aulas, conseguimos organizar os exercícios sem que ocorressem tempos de espera, conseguindo colocar todos os alunos em prática simultaneamente. Nem em todas as UD isto é possível, mas o professor deverá fazê-lo sempre que possível e/ou criar estratégias, visto que os tempos de espera são tempos em que os alunos se encontram parados ou inactivos.

Aplicámos ainda algumas estratégias relativamente a outras situações eventualmente limitadoras da aprendizagem, como por exemplo, permitir que os alunos fossem beber água se não demorassem mais que dois minutos sendo que, caso estes não conseguissem cumprir este acordo, na seguinte aula não poderiam ter essa pequena pausa.

São acima de tudo as estratégias e a postura do professor enquanto dinamizador e organizador da aula que permitem que haja uma boa gestão de aula. É importante lembrar que o principal objectivo do professor é o de ser o responsável pelo processo ensino-aprendizagem e, em simultâneo, é um educador, devendo conseguir gerir a aula de maneira a promover um maior tempo possível para os objectivos e tentando eliminar por completo os “tempos mortos”.

3.2.3. Clima

Segundo Silva (2012), “o clima engloba aspectos de intervenção pedagógica relacionados com interacções pessoais, relações humanas e ambiente”.

O professor deverá dominar e controlar as interacções pessoais na sala de aula sendo consistente, interagindo sempre sobre comportamentos significativos, reforçando os bons comportamentos e punindo os maus comportamentos. Segundo Siedentop (1983), mais do que intervir sobre o comportamento inapropriado, é preciso promover os tipos de comportamentos adequados e pretendidos.

O professor deve mostrar entusiasmo no decorrer da aula, relacionar as interacções com as emoções dos alunos, controlar as suas próprias emoções, não sendo demasiado expressivo no caso de situações pessoais, revelar credibilidade e positivismo aos alunos e, ainda, conseguir ser exigente, evitando exageros.

No decorrer do ano lectivo, procurámos sempre motivar os alunos para as tarefas da aula, de maneira a maximizar o seu nível de empenho. Um exemplo disso mesmo, no caso da turma do 3ºPSI, aconteceu quando inicialmente alguns alunos nos transmitiram desagrado pela UD de Ginástica Acrobática sendo que, no final, já revelaram um grande empenho nas atividades e cooperação entre grupos.

Faz parte do papel do professor motivar os alunos, baseando-se não apenas em atribuir tarefas e em pedir aos alunos que as executem correctamente.

Desta maneira, penso que realizámos um bom trabalho nas várias UD desenvolvidas ao longo do ano lectivo, promovendo trabalho em grupos, pares, e mesmo em situações individuais, procurámos sempre despertar o entusiasmo e motivando os alunos.

Alguns exemplos de atividades que proporcionámos aos alunos nas diversas UD:

- Canoagem: estafetas; percursos longos (passeio).
- Aeróbica: criação de coreografias originais, em pequenos grupos e com o grupo turma; introdução de passos de capoeira.
- Ginástica Acrobática: criação de elementos diferentes; colaboração entre grupos com o objectivo de chegar a um produto final.
- Futebol: jogo condicionado, promovendo momentos em que todos teriam um papel fundamental.
- Ténis: realização de um torneio no final da UD.
- Expressão Corporal: jogos; criação de coreografias.

3.2.4. Disciplina

Na dimensão disciplina, Siedentop (1998) refere que um sistema de organização eficaz e a criação de estratégias disciplinares criam um ambiente propício e facilitador da aprendizagem. Como afirmámos anteriormente, esta dimensão encontra-se relacionada com todas as dimensões já referidas.

As regras definidas nas nossas aulas resultaram num controlo das várias dimensões abordadas e, no que diz respeito à dimensão disciplina, podemos afirmar que teve o mesmo efeito.

Em todas as aulas procurámos zelar pelos princípios de actuação inicialmente definidos, para que houvesse um bom desenvolvimento de aula.

Apesar de terem ocorrido algumas situações pontuais de condutas menos correctas, procurámos fazer uma rápida avaliação dos episódios em causa, abordando-os com a máxima correção possível. Os comportamentos fora de tarefa devem ser ignorados sempre que possível, enquanto os comportamentos desviantes devem implicar uma intervenção do professor, a qual pode ser repreensiva, verbalmente, e/ou punitiva, com a aplicação de um castigo ou punição.

Nas nossas aulas, a única turma em que observámos comportamentos fora da tarefa foi a turma do 3ºPSI, na qual tivemos que manter uma postura mais rígida e controladora, de forma a impedir que estes episódios se transformassem em situações mais graves e descontroladas. Não foram registadas, porém, situações graves nem foi necessário recorrer a punições mais severas.

3.3. AVALIAÇÃO

A avaliação tem como objectivo acompanhar o desenvolvimento do aluno durante todo o seu processo ensino-aprendizagem, permitindo averiguar, ao longo deste processo, não só as aprendizagens que o aluno já atingiu mas também quais as suas principais dificuldades. Desta maneira, podemos afirmar que a avaliação tem uma intenção formativa, dando assim um apoio fundamental aos intervenientes

do processo ensino-aprendizagem, para que os alunos consigam alcançar o sucesso durante o seu percurso.

A escola não se apresenta como uma instituição que apenas se preocupa com que os seus alunos realizem a escolaridade, muitas vezes num clima de competição entre todos; ela deve ter também um papel formador na medida em que deve permitir uma formação académica mas também uma formação para a vida, ou seja, deve preparar os alunos para os desafios da vida em sociedade. Neste prisma, a avaliação deve ser vista numa perspectiva social, ou seja, ela acaba por dar resposta a solicitações da sociedade.

A avaliação no Ensino Secundário é regida pelos normativos da Portaria n.º 244/2011 para os cursos científico-humanísticos e da Portaria nº 74-A/2013 para os cursos profissionais.

Pode-se dizer que, na avaliação, existem duas possibilidades a serem executadas, uma criterial e outra normativa. Na avaliação criterial as informações obtidas pertencem ao sujeito ou objecto avaliado, e comparam-se os alunos com os seus próprios rendimentos ou resultados nas mesmas provas, ou em relação a um critério que foi previamente estabelecido. Na avaliação normativa, existe uma comparação dos resultados de cada aluno com os resultados da população ou grupo a que pertence. Nesta última forma, as provas estandardizadas de rendimento são o grupo de provas de referência normativa mais conhecido.

Segundo Rosado (2002), os docentes têm um variado leque de instrumentos de avaliação para utilizar, que apresentam como principal finalidade avaliar as diferentes vertentes e domínios presentes na perspectiva pedagógica. A recolha da informação deve ser o mais objetiva possível e como tal, os docentes devem ser conhecedores dos diferentes instrumentos de que dispõem e das formas de colocá-los em prática.

Hadji (1994) definiu três funções pedagógicas fundamentais da avaliação, sendo elas: a selecção/orientação da evolução futura do aluno, ou avaliação diagnóstica; a regulação dos processos de aprendizagem, ou avaliação formativa; e a certificação/validação de competências, ou avaliação sumativa.

3.3.1. Avaliação Diagnóstica

Quanto à avaliação diagnóstica (AD), segundo Hadji (1994) deve ser usada quando se procura explorar ou identificar algumas características de um sujeito com vista a escolher uma determinada sequência de formação, adaptada às suas características pessoais. Segundo Rosado e Colaço (2002), a AD possibilita ao professor ter o conhecimento das características dos alunos, permitindo criar grupos o mais homogêneos possível, ou com características idênticas.

Na nossa perspectiva, achámos pertinente realizar este tipo de avaliação no início de cada unidade didáctica abordada.

No caso da turma do 3ºPSI, esta avaliação possuiu características diferentes para cada UD. Para a Canoagem, esta avaliação consistiu no questionamento sobre eventuais experiências pessoais dos alunos e na avaliação de dimensões mais técnicas, como por exemplo na observação do domínio da propulsão. Para a Ginástica Acrobática, a AD consistiu na avaliação de alguns elementos gímnicos, visto que os alunos apenas tiveram Ginástica de Solo. No Futebol, esta avaliação foi efectuada em torno dos gestos técnicos mais importantes, avaliando e atribuindo cotação a cada um deles (Anexo V). Para a Aeróbica, voltámos a fazer um registo mais simples sobre questões de experiências pessoais, e um registo sobre o desempenho dos alunos na primeira parte da primeira aula. Para o módulo de Aptidão Física, também efectuámos um registo na primeira aula de Educação Física do ano, o que nos permitiu anotar algumas questões relacionadas com as capacidades físicas dos alunos, numa fase inicial.

Com a turma do 3ºANIM, em EC não realizámos nenhum preenchimento de documentação relativamente ao módulo, pois inicialmente ainda não dominávamos bem os conteúdos a abordar nesta disciplina. No entanto, o facto de termos realizado na primeira aula alguns exercícios de apresentação, permitiu-nos conhecer os alunos e observar características eventualmente importantes para as aprendizagens no módulo de EC.

Com a turma do 10ºC, na UD de Ténis realizámos um questionamento sobre eventuais contactos com a modalidade. Como os alunos não possuíam qualquer tipo

de experiência na modalidade, optámos por não realizar uma AD pormenorizada, registando apenas, durante os primeiros exercícios de introdução à modalidade, os alunos mais capacitados para os gestos mais básicos.

3.3.2. Avaliação formativa

Segundo Hadji (1994), a avaliação formativa (AF) tem o objectivo pedagógico de contribuir para o processo ensino-aprendizagem, dando informações ao professor para que este consiga instruir o aluno do seu próprio desempenho, sublinhando as suas dificuldades e facilidades.

A AF é constituída por três etapas. A primeira consiste na recolha de informações relativas aos progressos de aprendizagem dos alunos; a segunda etapa consiste na interpretação das informações; e, por último, a etapa de apropriação das actividades de ensino e de aprendizagem de acordo com a aceção dos dados recolhidos anteriormente

Quanto à turma do 3ºPSI, revelou-se complicado realizar este tipo de avaliação, visto que as aulas eram de 135 minutos e havendo poucas aulas para cada UD. O facto de despender algum tempo neste processo que, por vezes, pode ser bastante complexo, iria impedir a introdução de novos conteúdos, podendo atrasar a sequência do planeamento das aulas. Por esta razão, apenas realizámos AF nas UD de Canoagem e de Aeróbica (Anexo VI). Os motivos pelos quais realizámos a AF para estas modalidades foram os seguintes: para a Canoagem, na aula anterior da avaliação sumativa, sentiu-se a necessidade de aplicar o percurso de avaliação final que os alunos iriam realizar na última aula, permitindo assim realizar o seu devido registo, reajustando alguns conteúdos através de certas correcções, de maneira a que os alunos conseguissem melhorar o seu desempenho; no caso da Aeróbica, os alunos encontravam-se a preparar autonomamente as coreografias para avaliação final, e enquanto isto, conseguimos registar através de vídeo as suas coreografias, permitindo assim fazer uma análise completa e detalhada dos vários grupos, transmitindo na aula seguinte sugestões de melhoria e de correcção. A questão pertinente que se levantou aqui foi a de que o espaço

número de aulas não permitiu uma adequação totalmente eficaz e uma possível reformulação das estratégias de ensino, de forma a adequar as aulas às necessidades dos alunos.

Em EC, realizámos constantemente a análise dos vídeos das aulas para conseguir criar juízos sobre a qualidade das prestações dos alunos. Não realizámos nenhum tipo de atribuição de cotações a estas análises, sendo que os pontos analisados foram sempre discutidos e transmitidos aos alunos.

3.3.3. Avaliação sumativa

Ribeiro (1999) afirma que a avaliação sumativa (AS) pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem. Esta unidade de aprendizagem pode corresponder a uma UD, um período ou um ano lectivo.

A AS tem como principal função dar uma nota final aos alunos relativamente ao seu desempenho. Para efectuar esta avaliação o professor deverá privilegiar o recurso a situações idênticas às do objectivo das UD, jogo, coreografia, ou apresentação, uma vez que permite avaliar os alunos em situação mais próxima do real, permitindo observar as capacidades totais dos alunos. Na AS o professor tem que avaliar os alunos nos três domínios existentes, isto é, domínio psico-motor, cognitivo e sócio afectivo. A junção destas três informações é que determinará a nota final do aluno.

Os instrumentos de avaliação mais utilizados para a AS foram os testes escritos e as grelhas de observação/avaliação (Anexo VII).

As aulas que destinámos à realização da AS foram planeadas de maneira a promover as situações de avaliação e ainda as aprendizagens dos alunos, pois esse é o objectivo das aulas de Educação Física.

No caso da turma do 3º PSI a AS foi efectuada sempre na última aula de cada UD, visto que se trata de um Curso profissional e, assim sendo, cada UD representa

um módulo, com uma classificação final. Em todos os módulos aplicámos um teste escrito, de forma a avaliar a componente cognitiva. Na Canoagem, a AS do domínio psico-motor, baseou-se na observação de desempenho prático dos alunos ao longo de um percurso previamente definido, com recurso a grelhas de observação/avaliação. No Futebol, a avaliação consistiu na observação e registo das acções tácticas e técnicas desenvolvidas nas aulas, em contexto de jogo formal. Na Ginástica e Aeróbica, a avaliação prática baseou-se na criação de um esquema/coreografia, onde os alunos teriam que cumprir os requisitos previamente definidos, em que cada requisito contaria com uma percentagem da nota final.

Quanto à turma do 3ºANIM, a AS visou essencialmente as temáticas abordadas nas aulas, nas várias matérias e domínios individuais e de grupo.

Para a turma do 10ºC, apenas realizámos a avaliação da componente psico-motora visto que o domínio cognitivo iria ser da responsabilidade do professor titular da turma, tal como definido inicialmente. Na última aula foi organizado um torneio, em que se colocariam os alunos a disputar jogos entre grupos equilibrados e onde se poderia observar os vários gestos aprendidos ao longo da UD.

3.3.4. Auto-Avaliação

A auto-avaliação é a avaliação das próprias actuações do aluno, sendo um processo que promove a capacidade de valoração e de decisão do próprio. É ainda um elemento de melhoria da qualidade de todo o processo educativo.

Para a concretização da auto-avaliação, utilizámos um documento concebido pela escola, e aplicámo-lo no final de cada UD, de maneira a promover um momento de autocrítica e de auto valoração do aluno (Anexo VIII).

A análise destes documentos de auto-avaliação transmitiu-nos a noção do que cada aluno pensa sobre o seu próprio desempenho, dentro dos vários domínios abrangidos na disciplina de Educação Física. Tornou-se útil também do ponto de vista da reflexão individual de cada aluno sobre os conteúdos abordados no decorrer das UD em questão.

3.3.5. Parâmetros e critérios de avaliação

Segundo Pacheco (2002), o critério de avaliação é um princípio utilizado para julgar, apreciar e comparar. Só é possível avaliar com rigor, objectividade e coerência se os docentes e a instituição escolar estabelecerem formas justas de julgar o que os alunos fazem no interior da escola.

A utilização de critérios de avaliação é o método de recolher dados, atribuir-lhes um valor e comunicá-los à sociedade escolar, mais especificamente aos destinatários, alunos e respectivos encarregados de educação.

Os critérios de avaliação devem estar bem definidos e ser bem aplicados pelos professores, promovendo assim uma avaliação que se pretende completa, eficaz e justa.

Foram aplicados os critérios e parâmetros de avaliação definidos pela escola e pelo Programa Nacional, tanto no que diz respeito à turma 10^oC, ensino regular, como para as turmas dos Cursos Profissionais, 3^oPSI e 3^oANIM.

3.4. RELATÓRIO REFLEXIVO DE AULA

Com o propósito de promover a melhoria constante da nossa prática docente, no decorrer do ano lectivo realizámos um relatório reflexivo no final de cada sessão, a fim de realizar um balanço do desenrolar de cada aula (Anexo IV).

No final de cada aula realizámos uma reunião informal com o Núcleo de Estágio, de maneira a ouvir as críticas construtivas dos nossos observadores, podendo assim discutir eventuais estratégias a aplicar no futuro e intervenções a melhorar nas aulas seguintes, tudo em prol da evolução como docente, da prática pedagógica.

Após esta troca de ideias, de críticas e conselhos, realizámos um relatório reflexivo de aula, o que nos permitiu descrever a aula em si, as situações ocorridas e os eventuais reajustamentos do plano. Nestes relatórios reflexivos procurámos

sempre ser o mais críticos que nos foi possível, descrevendo os comentários feitos pelos nossos colegas e pelos professores orientadores, deixando ainda a nossa opinião mais pessoal através de um momento de introspecção.

Desta maneira, sentimos que existiu uma evolução na nossa prática docente, em comparação ao início do ano.

3.5. ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL

Segundo o Guia de Estágio 2013/2014, “a ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário”

De acordo com Caetano & Silva (2009), a atitude ético-profissional é considerada como uma dimensão muito importante no sistema educativo.

Consideramos importante conhecer as dimensões, profissional, social e ética, a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, a dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade e a dimensão de desenvolvimento profissional, descritas no Perfil de Desempenho Docente definido no anexo do Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto.

Consideramos que alcançámos bons resultados no domínio destas dimensões, promovendo uma prática pedagógica bastante produtiva, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem.

Como referido inicialmente, todo o processo de Estágio Pedagógico é um momento importantíssimo na formação do professor que, por sua vez deverá procurar atingir a excelência na sua prática docente, dominando e transmitindo certos valores à comunidade escolar. Concordamos que, a experiência deste ano lectivo, e toda a prática desenvolvida, nos permitiu melhorar a nossa prática pedagógica, servindo de modelo como profissional e como pessoa.

3.6 JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS

Segundo Piroló (2004), “o trabalho educativo tem-se mostrado um processo complexo, carregado de incertezas, conflitos, contradições, desejos e necessidades, obrigando o educador a enfrentar-se com desafios e a reflectir continuamente sobre os valores, as dificuldades existentes e a função social que se exerce”. Sentimos, assim, a necessidade de justificar e descrever os processos que nos levaram a tomar certas decisões.

O professor, como profissional do ensino, possui autonomia para decidir sobre o seu método de trabalho e para optar por estratégias, matérias, conteúdos e actividades pedagógicas mais adequadas ao contexto em que se insere bem como às características dos seus alunos.

Após terem-nos sido atribuídas as turmas em que iríamos leccionar Educação Física, e depois de termos identificado as características de cada grupo, a primeira decisão a tomar teve a ver com quais as modalidades que iríamos abordar nas aulas. Dentro do leque de opções existia pouca escolha, já que, no caso do 3ºPSI, tratava-se de curso profissional no último ano do ensino secundário, o que significa que já tinha abordado a maioria dos módulos programados para estes cursos.

No módulo de Actividades de Exploração da Natureza, as opções que tínhamos ao nosso dispor eram Orientação e Canoagem, o que nos fez pensar que tanto uma UD como outra seriam motivadoras para os alunos. No entanto, não existe outra escola em Coimbra com as características da Escola Secundária D.Duarte, com uma localização bastante próxima ao rio, o que nos fez optar por Canoagem.

Quanto ao módulo de Jogos Desportivos Colectivos, as opções eram Andebol e Futebol, e a escolha baseou-se nas preferências manifestadas pelos alunos, futebol.

Em situações de condições climatéricas adversas à prática da aula no exterior, conseguimos arranjar sempre soluções que nos permitissem leccionar sem que houvesse interrupções. No caso da Canoagem, ocorreu esta situação ocorreu

numa sessão mas tínhamos preparado previamente vídeos para visionamento e fichas formativas relacionadas com a matéria que iríamos abordar, nomeadamente as manobras de condução. Desta maneira, foi possível leccionar os conteúdos teóricos previstos na planificação; numa segunda parte da aula, os alunos realizaram os testes do fitnessgram, antecipando esta primeira avaliação e abrindo disponibilidade no cronograma para voltar a leccionar a aula de Canoagem na data que se encontrava inicialmente destinada ao fitnessgram.

A indisponibilidade do espaço ou a falta do material necessário à prática, foi algo que nunca se verificou, visto que criámos desde cedo, como hábito, uma rotina de verificação e de preparação prévia para cada aula. Sendo assim evitaram-se situações complicadas de alteração total ou parcial dos planos de aula.

Quanto ao número de alunos presentes em cada aula, apesar do 3ºPSI ser uma turma reduzida, foi necessário por vezes reformular a constituição dos grupos, pois verificaram-se momentos em que houve alunos a faltar, correspondendo esta situação apenas a pequenas alterações nos planos de aula.

Outra decisão tomada foi a de realizar Aeróbica, em vez de Danças Tradicionais, visto que os alunos não se mostravam motivados para essa prática e já tinham abordado várias danças tradicionais em anos anteriores.

Relativamente ao planeamento das aulas, este foi realizado através da reflexão sobre a rotação dos espaços, das UD realizadas ao ar livre e da época do ano, prevenindo desta maneira situações de impossibilidade de se realizar a aula. Assim, facilitou-se o planeamento de cada sessão de aula, através de uma reflexão prévia que nos precaveu de certas situações indesejadas e condicionantes do bom funcionamento de uma aula de Educação Física.

No caso da turma do 3ºPSI, turma com que tivemos maior contacto, ocorreram situações relacionadas com a motivação dos alunos que nos fizeram ponderar e reflectir sobre estratégias de melhoramento do empenho destes. De facto, das várias UD abordadas com esta turma, a Ginástica Acrobática e a Dança foram aquelas em que maiores dificuldades sentimos, no que diz respeito à tarefa de motivar os alunos.

Para a Ginástica, optámos por realizar um aquecimento mais direccionado para o treino de musculação, já que a turma revelava esse interesse e os alunos sentiam-se desafiados em praticar este tipo de exercícios, passando de seguida para um trabalho mais em grupos ou em pares. Desta maneira os alunos conseguiram treinar elementos individuais, ouvindo a correcção do colega com quem estavam a praticar, e treinar as figuras destinadas para cada aula. O empenho dos alunos melhorou e até se revelou bastante satisfatório o produto final, que consistiu na construção de um esquema Gímnico que os alunos realizaram autonomamente dentro dos grupos.

A Dança foi o verdadeiro desafio para esta turma, constituída por nove rapazes e apenas uma rapariga, sendo que o gosto por esta prática era praticamente inexistente. Sabíamos que, por si só, mudar de Danças Tradicionais para Aeróbica não seria suficiente para motivar os alunos para este módulo. A solução encontrada foi utilizar músicas conhecidas dos alunos, para que estes aprendessem a contar os tempos musicais; após estes terem aprendido os passos básicos de Aeróbica, tratou-se de inventar novos passos relacionados com gestos técnicos de modalidades de que os alunos gostassem, como o Futebol e o Basquetebol. Foi possível atribuir aos alunos autonomia para inventarem novos passos, desde que respeitassem os tempos musicais. Outra estratégia utilizada foi o leccionar uma aula de Capoeira, não direccionada para a Luta, mas sim para a Dança, a qual resultou numa aula muito interessante e motivadora para os alunos, que apenas conheciam vagamente esta modalidade. Os próprios alunos utilizaram vários gestos aprendidos nesta aula nas suas coreografias finais e demonstraram um empenho surpreendente na construção das mesmas, o que se torna muito gratificante para o professor.

Quanto às metodologias utilizadas no decorrer das aulas, procurámos sempre ajustar as estratégias de ensino à situação e aos alunos, de maneira a promover um ensino de qualidade. Nas várias aulas leccionadas, tanto de Educação Física, como de Expressão Corporal, procurámos intencionalmente variar os estilos de ensino.

Em Canoagem, os estilos de ensino predominantes foram o ensino por tarefa e por descoberta guiada. Numa fase inicial optámos por permitir aos alunos que descobrissem a melhor maneira de agarrar a pagaia, como se propulsionar na

embarcação e ainda que tipo de trajectória faria o kayak se estes realizassem certos tipos de movimentos. Assim que os alunos começaram a entender e a dominar as manobras de Canoagem, as aulas basearam-se no ensino por tarefa.

Em Ginástica utilizou-se o ensino por tarefa e o recíproco pois, como já referido, estas aulas foram essencialmente realizadas através de exercícios a pares ou em grupos, formando um esquema através das várias figuras aprendidas e de maneira a promover o espírito de entre ajuda e crítico nas correcções.

No Futebol o ensino por tarefa foi notável, visto que a maioria dos exercícios consistiu na aproximação à situação do jogo formal, sendo que as tarefas simplesmente serviriam para promover essa mesma aproximação.

Em Aeróbica, como seria de esperar, demos mais ênfase ao estilo de ensino por comando, visto ser uma modalidade que para ser ensinada necessita de um instrutor. Porém, nas últimas sessões, quando os alunos estiveram a preparar as coreografias finais, destacou-se o estilo de ensino recíproco, já que os próprios alunos, organizados em grupos, se ajudaram em prol da obtenção de um resultado positivo.

Em Expressão Corporal não se pode definir um estilo de ensino dominante, visto que foram executadas uma grande diversidade de actividades. Ainda assim, podemos destacar numa fase inicial o estilo de ensino por comando, em que todos os estagiários participaram nas aulas com os alunos, demonstrando as situações que se pretendia que estes alcançassem.

Com a turma do 10ºC, no Ténis, o que mais se utilizou nas aulas foi o ensino por tarefa, separando os alunos por grupos de diferentes níveis, com o objectivo de respeitar o ritmo de aprendizagem de cada aluno. Desta maneira, foi-nos permitido instruir os vários alunos sem que se tivesse que parar por completo a aula.

Podemos ainda referir que, ao longo das unidades didácticas, foram feitos alguns reajustamentos a nível da planificação que teve impacto na alteração dos estilos de ensino, das tarefas e, por sua vez, dos objectivos para cada aula, uma vez que não se consegue prever totalmente a evolução, a adaptação e o empenho dos alunos. Em geral, a evolução dos alunos das várias turmas foi notória, o que nos levou a aumentar a complexidade dos exercícios e das situações práticas das aulas,

dando por vezes mais tempo a determinadas tarefas do que a outras, dependendo do desempenho e do sucesso ou insucesso dos alunos. Conseguimos promover mais tempo de prática para situações em que era evidente a necessidade de maior contacto para atingir o nível mínimo pretendido, e menos tempo para tarefas mais simples.

3.7. APRENDIZAGENS ADQUIRIDAS E DIFICULDADES SENTIDAS

No decorrer deste ano lectivo, o Estágio Pedagógico revelou-se uma experiência fundamental para a nossa formação como futuros docentes, permitindo uma primeira aproximação à prática profissional e promovendo a aquisição dos saberes associados ao contexto escolar.

Segundo Freire (2001), um dos objectivos centrais do Estágio Pedagógico é ser um espaço de construção de aprendizagens significativas no processo de formação dos professores. Através das experiências proporcionadas pelo estágio, podemos afirmar que todas as situações com que nos fomos deparando serviram para aprender, bem como todas as dificuldades, pois o erro também faz parte do processo de aprendizagem.

Iremos então, neste capítulo, destacar as principais dificuldades sentidas, explicar como as ultrapassamos e as principais aprendizagens realizadas.

No início do ano lectivo, sentimos uma certa dificuldade na elaboração do plano anual, visto que não sabíamos o que ter em atenção – como, por exemplo, a rotação dos espaços, a polivalência dos mesmos, a disposição dos materiais, as matérias que iríamos abordar, entre outros. Foi através do contacto com o Orientador de Estágio e com os restantes professores do grupo disciplinar que conseguimos perceber como elaborar este documento, alterado caso se verificasse necessário.

A falta de documentos de apoio na escola para realizar o planeamento das UD, também foi algo que se revelou bastante trabalhoso, tendo sido necessária a consulta de documentação e o contacto com alguns professores da FCDEF-UC.

Quanto ao planear e ao decorrer das aulas, sentimos maior dificuldade nas modalidades em que não havia um grande domínio da nossa parte. O planeamento foi resolvido sempre com trabalho de pesquisa sobre exercícios, progressões pedagógicas, critérios de êxito e componentes crítica. Quanto ao leccionar, a prática foi-nos permitindo observar e avaliar determinadas situações e, com o apoio das observações e críticas construtivas do núcleo de estágio, fomos aprendendo a controlar melhor as características dessas modalidades, conseguindo aperfeiçoar a instrução e a qualidade dos FB, bastante reduzidos e com falta de qualidade no início.

No que toca à gestão do tempo de aula, nas primeiras aulas sentimos dificuldade em controlar o tempo de prática, já que tentámos sempre seguir o plano de aula. De aula para aula conseguimos adaptar-nos a uma postura menos rígida e fixada no plano de aula, dando mais importância ao controlo da produtividade dos exercícios.

O clima e a disciplina, no decorrer das aulas, foi algo que fomos aprendendo, através do contacto directo com as três turmas; aprendemos que não existe uma única postura correcta, e que a postura deve ser flexível para poder adequar-se às características dos alunos e às circunstâncias.

Quanto à avaliação, o contacto com turmas de cursos profissionais e com uma turma do ensino regular permitiu-nos identificar as principais diferenças, adequando os critérios às diferentes condições. A utilização de diferentes instrumentos, tanto os que a escola já possuía como os que foram construídos pelo núcleo de estágio, permitiu-nos aprender a dominar estes suportes de maneira eficaz, adaptando-os aos diferentes momentos de avaliação.

Nas várias UD, sentimos que a prática nos levou a grandes ou pequenas aprendizagens e à melhoria do desempenho como docentes.

A UD em que sentimos maior dificuldade em leccionar foi a de Ginástica Acrobática, como já referido anteriormente. Após concluirmos esta UD, o domínio das questões de segurança, a abordagem dos conteúdos específicos e a definição dos critérios de êxito são dimensões em que apresentámos melhor desempenho do que o inicialmente registado.

No caso das UD de Ténis e de Canoagem, as principais aprendizagens que efectuámos foram relativas ao controlo da turma após esta se encontrar em prática e, consecutivamente, a atribuição de FB, a realização de possíveis ajustamentos, como, por exemplo, a complexificação ou simplificação de tarefas ou a reformulação de grupos de níveis diferentes.

No caso da Expressão Corporal, todo o planeamento e todas as aulas consideramos terem representado possibilidades para aprendermos, pois tratava-se de uma disciplina totalmente nova em que não possuíamos formação. No entanto, assim que entendemos a lógica do módulo, dos conteúdos a abordar e dos objectivos, tornou-se muito interessante planear as aulas, usando a criatividade na criação de novos exercícios.

Apesar de haver muitas outras situações em que sentimos que existiu aprendizagem através da experiência profissional, a grande evolução foi observável em termos de melhorias do planeamento, da interacção professor-aluno, tanto em termos de instrução como de controlo, de espírito crítico e de pesquisa, de conhecimentos sobre novas modalidades ou modalidades menos dominadas, e por fim, do domínio dos vários tipos de avaliação.

4. Aprofundamento do Tema Problema

4.1. INTRODUÇÃO

O aprofundamento do tema Problema surge no âmbito do Estágio Pedagógico, inserido no segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O tema escolhido foi “A Demonstração nas Aulas de Educação Física”, com o objectivo de compreender as preferências dos alunos relativamente a esta vertente da instrução. Segundo Siedentop (1983), a dimensão instrução diz respeito ao reportório de técnicas de ensino do professor que visam comunicar informação aos alunos, tais como a preleção, a explicação, a demonstração, o feedback, entre outras.

Durante o Estágio Pedagógico pudemos registar variadíssimas situações em que foi utilizada a Demonstração, tanto nas Unidades Didácticas de Educação Física da turma do 3º PSI, como nas aulas de Expressão Corporal da turma do 3º ANIM, o que nos fez reflectir sobre a importância desta técnica nas aulas de Educação Física, a sua qualidade, a pertinência e a adequação, relativamente aos objectivos de uma determinada sequência de aprendizagem.

Surge-nos desta maneira, uma primeira questão: Quais os tipos de demonstração mais usados pelo professor estagiário nas aulas de Educação Física?

A escolha deste tema resultou do nosso interesse em compreender o ponto de vista dos alunos quando assumem o papel de observadores no processo de aquisição de novas habilidades motoras, isto é, gestos técnicos, sendo nossa intenção explorar especificamente a técnica da Demonstração.

Optámos assim por realizar este estudo com o objectivo de responder a algumas perguntas: Quais as preferências dos alunos quanto ao tipo de Demonstração? Que modelo preferem os alunos observar? Em que momento preferem os alunos observar? De que perspectiva preferem os alunos observar? Preferem os alunos serem os únicos a observar a demonstração?

Pretende-se assim, saber o grau de concordância dos alunos relativamente às dimensões das quatro vertentes da demonstração: Modelo, Momento, Forma e Direcção.

Neste estudo iremos então procurar saber quais os tipos de demonstração que os alunos da turma do 10^oC preferem, relativamente ao Modelo, Forma, Direcção e Momento, comparando estas preferências com os tipos de demonstração usados pelo professor no decorrer das aulas.

4.2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A demonstração é um dos meios mais frequentemente utilizados na transmissão de informação acerca de um objectivo a ser alcançado. Esta utilização da demonstração na aprendizagem de uma habilidade motora encontra suporte na teoria proposta por Bandura (1969, 1977), conhecida como Teoria da Aprendizagem Social, em que o observador reproduz a acção observada, adquirindo um novo comportamento ou ainda modificando padrões já adquiridos anteriormente.

Para que tal seja possível, segundo Hebrard (1974) são necessárias muitas repetições por parte do modelo, muitas vezes a uma velocidade reduzida. Desta maneira o observador poderá realizar uma interpretação aprofundada do gesto/movimento, permitindo assim a sua interiorização.

Segundo Christina e Corcos (1988), a atenção à apresentação do modelo, a retenção das ideias chave, a tentativa de reprodução do movimento e a motivação para a melhoria, são os factores de aprendizagem que mais influência tem no processo de aprendizagem. Ou seja, o professor tem de conseguir a atenção dos seus alunos, dirigindo-a para gestos determinantes da habilidade, bem como repetir-lhes os aspectos mais importantes, pedindo-lhes para executarem e recordarem os pontos-chave.

Na demonstração, segundo Sarmiento (1992), importa realçar os objectivos que pretendemos que os alunos alcancem, permitindo assim fazer uma análise sistemática das tarefas.

Segundo Sarmiento (1992), podemos classificar a Demonstração consoante o momento e a forma.

Quanto ao momento, esta poderá ser:

- Antes de realizar a tarefa - no caso de uma habilidade nova é aconselhável a realização de várias repetições de demonstração, permitindo aos observadores formarem um modelo orientador para o seu futuro empenho. A demonstração deverá ainda ser acompanhada de explicações, permitindo um maior ênfase aos pontos-chave.

- Durante a tarefa (intercalares) - servirá de reforço ao modelo apresentado inicialmente, de maneira a orientar futuras execuções, permitindo ainda ao professor dar feedback correctivo sobre a prestação dos alunos, podendo assim impedir a má execução da habilidade.

- Após a tarefa - servirá acima de tudo para revisão, reforçando as componentes do gesto que esteve a ser abordado.

Quanto à forma de apresentação, é importante seleccionar bem o local e a disposição dos alunos face ao demonstrador, para que todos os alunos vejam o demonstrador claramente e sob o mesmo ângulo.

Se o objectivo for o de destacar as características gestuais de altura e lateralidade, a demonstração deverá ser feita de frente para os alunos. Se queremos evidenciar características de deslocamento e de profundidade de movimento, esta deverá ser feita de perfil. Só deverá ser feita de costas se o objectivo for o de dar uma noção aos alunos de movimento dos membros inferiores e/ou superiores, facilitando a imitação.

Há que ter em consideração a escolha do modelo. No caso da demonstração de costas nunca se deverá optar pelo professor como modelo, pois este perderá o controlo da turma. Então, existem certos cuidados a ter com a escolha do modelo. O modelo deve apresentar características idênticas ao observador. No caso do professor como modelo, se este não conseguir demonstrar correctamente deve evitar fazê-lo pois poderá perder a confiança dos observadores, podendo antes optar por outras pessoas fora do grupo, ou pelos melhores alunos para o fazerem ou,

ainda treinar um aluno de maneira a que este se torne um bom executante, assegurando as futuras demonstrações.

A utilização da instrução deverá estar sempre presente paralelamente à demonstração, seja ela feita antes, durante ou depois da demonstração.

4.3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA/PROBLEMA

O tema/problema foi desenvolvido na turma do 10^oC, no decorrer do 3^oPeríodo, durante a Unidade Didáctica de Ténis, visto que esta modalidade seria nova para todos os alunos e teria que existir uma grande qualidade de instrução/demonstração na aquisição dos gestos técnicos abrangidos na UD.

Foram definidas pelo Professor Fernando Costa, titular da turma, seis aulas para esta UD, tendo sido organizados os conteúdos de acordo com a tabela que se segue.

Nº de Aulas:	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
Dia:	28/04	05/05	12/05	19/05	26/05	02/06
Conteúdos:						
História da modalidade	I/C					
Regras	I	E	E		E/C	Av.S
Pegas/Manuseamento da Raqueta	I	E	E	E	E/C	Av.S
Posição Base/Deslocamentos		I/E	E		E/C	Av.S
Batimentos (Direita/Esquerda)	I	E	E	E	E/C	Av.S
Volei				I/E	E	C/Av.S
Torneio/Jogo		I			E	C/Av.S

Os componentes que iriam ser abordadas, e demonstradas, seriam: as pegas, posição base, deslocamentos, batimentos de direita e de esquerda e o vólei.

4.4. HIPÓTESES DE TRABALHO

De acordo com a literatura e com o conhecimento particular do grupo turma, as nossas expectativas iniciais permitiram-nos formular as seguintes hipóteses:

- a) Os alunos preferem demonstrações realizadas pelo professor;
- b) Os alunos preferem demonstrações realizadas antes da tarefa;
- c) Os alunos preferem demonstrações realizadas de frente;
- d) Os alunos preferem demonstrações direccionadas para a turma.

4.5. METODOLOGIA

Com a finalidade de investigar as hipóteses formuladas, foi desenhado um plano de investigação que comportou basicamente dois tipos de acções: Observação do tipo de demonstração mais utilizado nas aulas, distinguindo-se os momentos em que as aulas foram leccionadas (inicial e final) para verificar se ocorriam diferenças significativas; Inquérito aos alunos acerca das suas preferências relativamente ao tipo de demonstração utilizado nas aulas de Educação Física.

Para a observação do tipo de demonstração mais frequentemente utilizada nas aulas, propusemo-nos realizar a recolha de dados através de uma ficha de observação por nós elaborada segundo Sarmiento (1992), e revista pelo Orientador da FCDEF-UC (Anexo IX). Esta ficha de observação foi preenchida pelas colegas do Núcleo de Estágio, nas três primeiras aulas da UD, voltando a ser utilizada nas três últimas aulas da referida UD. Dividindo assim as observações por grupos de três aulas, permite-nos ainda verificar se haverá mudanças no estilo de demonstração, relativamente às dimensões que nos propusemos a analisar, consoante a função didáctica das aulas, visto que as três primeiras serão mais dedicadas à introdução dos gestos técnicos e as três últimas, mais relacionadas com a consolidação e avaliação em contexto de jogo.

Esta ficha de registo do tipo de demonstração pretende identificar os vários momentos em que ocorrem demonstrações durante a aula, sinalizando em que momento da aula se deu a sua ocorrência - inicial, fundamental ou final. Permite o

registo sobre a tarefa ou o exercício da aula que estava a ser realizado nesse preciso momento. Com esta ficha consegue-se ainda classificar o tipo de demonstração, consoante o Modelo, o Momento, a Forma e a Direcção.

O Modelo é distinguido entre três possibilidades. A primeira é aquela em que o professor faz de modelo; na segunda, o aluno bom executante (aluno+) demonstra; na terceira, o aluno mau executante (aluno-) realiza a demonstração. A diferenciação entre o aluno bom e o aluno mau é realizada pelo professor, que conhece a turma e sabe quem poderá realizar uma boa demonstração servindo de exemplo a seguir, e quem poderá realizar uma demonstração defeituosa ou com algumas falhas, permitindo que os outros alunos identifiquem os erros.

Relativamente ao Momento, é permitida a classificação do momento da demonstração relativamente à execução da tarefa, isto é, se a demonstração será feita antes de o professor colocar a turma em prática (tarefa), durante (interrompendo a tarefa) ou depois (podendo fazer a ligação com a próxima tarefa ou em jeito de conclusão).

Na Forma, segundo Sarmiento (1992), pretende-se definir o posicionamento do Modelo perante os observadores. Assim, os alunos poderão ver a demonstração feita de vários ângulos, nomeadamente, Frente, Costas e Perfil.

Na última coluna da ficha pretende-se distinguir a Direcção da demonstração, ou seja, se esta é destinada para um aluno, individual, para um grupo, ou pares, ou ainda para a turma.

As preferências dos alunos foram avaliadas através de um inquérito de auto-resposta com 12 questões. Para responder, os alunos utilizavam uma escala de Likert: 1-Discordo Totalmente; 2-Discordo; 3-Concordo; 4-Concordo Totalmente. O inquérito foi aplicado na última aula da UD, na presença de 20 alunos da turma, 10 rapazes e 10 raparigas (Anexo X).

As questões 1, 5 e 9, destinam-se a avaliar as preferências consoante o Modelo; as questões 2, 6 e 10 são relativas ao Momento; as questões 3, 7 e 11 dizem respeito à Forma; e, por fim, as questões 4, 8 e 12 relacionam-se com a Direcção.

- 1- Prefiro ver uma demonstração feita pelo professor do que por um colega de turma.
- 2- Prefiro ver a demonstração depois de realizar o exercício.
- 3- Prefiro ver a demonstração feita de costas para mim do que de frente ou de lado.
- 4- Prefiro que a demonstração seja feita só para mim do que para a turma ou para o meu grupo.
- 5- Prefiro ver uma demonstração feita por um colega que realize bem em vez de uma demonstração pelo professor.
- 6- Prefiro ver a demonstração após uma interrupção do exercício que estava a executar, retomando depois à prática.
- 7- Prefiro observar a demonstração sempre de frente e não de lado ou de costas.
- 8- Prefiro que a demonstração seja feita só para o meu grupo do que para a turma ou só para mim.
- 9- Prefiro ver uma demonstração feita por um colega que realize mal que me permita detectar erros do que pelo professor ou por um colega que realize bem.
- 10- Prefiro ver a demonstração antes de executar o exercício.
- 11- Prefiro que a demonstração seja feita de perfil.
- 12- Prefiro que a demonstração seja feita para toda a turma.

4.6. RESULTADOS OBTIDOS

4.6.1. Demonstrações efectuadas nas aulas

Foram efectuadas quarenta e quatro demonstrações no decorrer das seis aulas seleccionadas, três aulas no início da UD e três aulas do final, de acordo com o quadro que se segue:

Quadro I - Observação do tipo de demonstração das seis aulas da UD

Modelo:	
Professor	17
Aluno +	18
Aluno -	9
Momento:	
Antes	15
Durante	22
Depois	6
Forma:	
Frente	26
Costas	4
Perfil	14
Direcção:	
Aluno	11
Grupo	18
Turma	15

Conseguimos observar que, globalmente, no decorrer da UD, para as seis aulas consideradas, relativamente ao Modelo ocorreram mais demonstrações feitas por um aluno bom executante e pelo professor. Quanto ao Momento, as demonstrações foram mais frequentes durante as tarefas, ou ainda antes das tarefas. A Forma, ou posicionamento do demonstrador, foi maioritariamente de frente para os alunos. E no que diz respeito à Direcção, apesar de ter sido a característica mais equilibrada, houve uma tendência para ocorrerem mais demonstrações para os grupos de trabalho, ou ainda para o grupo turma.

Quadro II – Observação do tipo de demonstração nas três primeiras aulas da UD

<u>Demonstrações</u>				
	Aulas			Total
Modelo:	1ª	2ª	3ª	
Professor	5	7	0	12
Aluno +	2	2	4	8
Aluno -	3	0	2	5
Momento:				
Antes	3	2	3	8
Durante	6	6	1	13
Depois	0	1	2	3
Forma:				
Frente	8	3	5	16
Costas	0	0	1	1
Perfil	2	6	0	8
Direcção:				
Aluno	2	5	0	7
Grupo	3	1	4	8
Turma	5	3	2	10

Quadro III – Observação do tipo de demonstração das três últimas aulas da UD

<u>Demonstrações</u>				
	Aulas			Total
Modelo:	4 ^a	5 ^a	6 ^a	
Professor	1	1	3	5
Aluno +	2	5	3	10
Aluno -	4	0	0	4
Momento:				
Antes	2	4	1	7
Durante	2	2	5	9
Depois	3	0	0	3
Forma:				
Frente	2	5	3	10
Costas	1	0	2	3
Perfil	4	1	1	6
Direcção:				
Aluno	1	1	2	4
Grupo	3	4	3	10
Turma	3	1	1	5

4.6.2. Preferências dos alunos quanto ao tipo de demonstração

Apresentamos em seguida os dados relativos ao modelo:

Q1-Prefiro ver uma demonstração feita pelo professor do que por um colega de turma

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo	3	15.0
Concordo	12	60.0
Concordo Totalmente	5	25.0
Total	20	100.0

Q5-Prefiro ver uma demonstração feita por um colega que realize bem em vez de uma demonstração pelo professor

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo Totalmente	2	10.0
Discordo	8	40.0
Concordo	5	25.0
Concordo Totalmente	5	25.0
Total	20	100.0

Q9-Prefiro ver uma demonstração feita por um colega que realize mal que me permita detectar erros do que pelo professor ou por um colega que realize bem

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo Totalmente	4	20.0
Discordo	10	50.0
Concordo	3	15.0
Concordo Totalmente	3	15.0
Total	20	100.0

No que diz respeito à dimensão Modelo, a maior parte dos alunos manifesta preferência pela demonstração realizada pelo professor, seguida pela demonstração realizada por um aluno com bom desempenho (respostas às questões 1, 5 e 9).

De seguida apresentamos os dados relativos ao momento:

Q2-Prefiro ver a demonstração depois de realizar o exercício

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	3	15.0
Discordo	9	45.0
Concordo	2	10.0
Concordo Totalmente	4	20.0
Não Respondeu	2	10.0
Total	20	100.0

Q6-Prefiro ver a demonstração após uma interrupção do exercício que estava a executar, retomando depois à prática

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	2	10.0
Discordo	4	20.0
Concordo	8	40.0
Concordo Totalmente	6	30.0
Total	20	100.0

Q10-Prefiro ver a demonstração antes de executar o exercício

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	1	5.0
Discordo	2	10.0
Concordo	11	55.0
Concordo Totalmente	6	30.0
Total	20	100.0

Relativamente à dimensão Momento, a maior parte dos alunos manifesta preferência pela demonstração realizada antes de executar o exercício, seguida da demonstração realizada após uma interrupção do exercício que estava a executar, retomando depois à prática (respostas às questões 2, 6 e 10).

Quanto à forma, os dados recolhidos foram os seguintes:

Q3-Prefiro ver a demonstração feita de costas para mim do que de frente ou de lado

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	10	50.0
Discordo	5	25.0
Concordo	3	15.0
Concordo Totalmente	2	10.0
Total	20	100.0

Q7-Prefiro observar a demonstração sempre de frente e não de lado ou de costas

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	1	5.0
Discordo	1	5.0
Concordo	9	45.0
Concordo Totalmente	9	45.0
Total	20	100.0

Q11-Prefiro que a demonstração seja feita de perfil

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	1	5.0
Discordo	9	45.0
Concordo	7	35.0
Concordo Totalmente	3	15.0
Total	20	100.0

Na dimensão Forma, a maior parte dos alunos manifesta preferência pela demonstração efectuada de frente, seguida da demonstração efectuada de perfil (respostas às questões 3, 7 e 11).

Por fim, os dados, apresentamos os dados referentes à direcção:

Q4-Prefiro que a demonstração seja feita só para mim do que para a turma ou para o meu grupo

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	9	45.0
Discordo	7	35.0
Concordo	2	10.0
Concordo Totalmente	1	5.0
Não Respondeu	1	5.0
Total	20	100.0

Q8-Prefiro que a demonstração seja feita só para o meu grupo do que para a turma ou só para mim

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo Totalmente	4	20.0
Discordo	11	55.0
Concordo	4	20.0
Concordo Totalmente	1	5.0
Total	20	100.0

Q12-Prefiro que a demonstração seja feita para toda a turma

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo Totalmente	1	5.0
Discordo	2	10.0
Concordo	8	40.0
Concordo Totalmente	9	45.0
Total	20	100.0

Finalmente, no que respeita à dimensão Direcção, a maioria dos alunos manifesta preferência pela demonstração realizada para toda a turma, seguida da demonstração realizada para um grupo de alunos (respostas às questões 4, 8 e 12).

4.7. CONCLUSÃO

A análise dos dados recolhidos (Anexo XI), tratados com recurso ao programa informático SPSS versão 19, permite-nos, num primeiro momento, concluir pela confirmação das quatro hipóteses inicialmente formuladas. Isto é, no nosso estudo pudemos confirmar que os alunos inquiridos manifestaram preferência pela demonstração efectuada pelo professor (seguida pela demonstração efectuada por um aluno com bom desempenho), antes da realização do exercício (ou, em alternativa, durante a realização do exercício), de frente (seguida pela situação de perfil), e dirigida ao grupo turma (ou, em alternativa, dirigida a um grupo de alunos).

Uma segunda conclusão permite-nos verificar a existência de alguma coincidência entre as preferências manifestadas pelos alunos e a observação do tipo de demonstração mais frequentemente efectuada nas aulas de Educação Física, na UD considerada. De facto, no conjunto das seis aulas consideradas, o professor optou por efectuar, com maior frequência, demonstrações realizadas por ele próprio ou por um aluno com bom desempenho; de frente ou de perfil; dirigindo-se a um grupo de alunos ou, em alternativa, ao grupo turma. Apenas na dimensão Momento parece existir divergência, ao nível da segunda alternativa, ainda que a primeira opção do professor, antes do exercício, corresponda plenamente às preferências manifestadas pela maioria dos alunos.

Julgamos, assim, poder discutir os resultados, problematizando a coincidência observada: Será que os alunos preferem determinado tipo de demonstração por ser esse o tipo de demonstração mais frequentemente utilizado pelo professor durante as aulas de Educação Física? Ou será que as preferências dos alunos estão associadas à percepção que têm do interesse que diferentes tipos de demonstração apresentam para a aprendizagem na disciplina de Educação Física, preferindo tipos de demonstração que percebem como mais eficazes?

O esclarecimento destas questões exigiria, naturalmente, a realização de estudos mais aprofundados, com o objectivo de clarificar não só as razões que justificam as preferências manifestadas pelos alunos, como as razões que justificam as opções do próprio professor de Educação Física quando decide utilizar determinado tipo de demonstração. O interesse destes estudos encontra

fundamento no confronto entre a observação por nós efectuada e a literatura científica. De facto, na literatura são vários os autores que afirmam, por exemplo, que não deve ser privilegiada a demonstração efectuada pelo professor, já que esta apresenta como desvantagem o risco de perda de controlo do grupo turma, sendo ainda verdade que o professor pode não dominar em pleno determinada habilidade motora que pretende que seja aprendida, apresentando-se aos seus alunos como um mau modelo; no entanto, no nosso estudo, professor e alunos tendencialmente preferem o modelo professor quando se utiliza a demonstração na aula de Educação Física.

O nosso estudo apresenta enormes limitações, desde logo porque se baseou numa amostra de muito reduzida dimensão, num período temporal muito limitado e condicionado pela leccionação de um conteúdo muito específico, UD de Ténis, não tendo sido utilizados instrumentos de recolha de dados aferidos e validados em termos científicos. Assim, não é possível considerar que os resultados obtidos podem ser replicados noutras amostras, contextos e condições.

Contudo, a reflexão que os resultados nos permitem justificar, na nossa perspectiva, o valor do processo de investigação que pudemos desenvolver em contexto real – para além de podermos destacar o interesse deste tipo de tarefa na nossa formação de docentes de Educação Física, capazes de investigar, reflectir e problematizar a realidade que nos rodeia quando inseridos em contexto escolar.

5. REFLEXÃO FINAL

O estágio pedagógico surge no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, com o intuito de complementar e consolidar toda a formação que o estagiário obteve até a este momento da sua vida académica, através da prática docente.

A Escola Secundária D.Duarte, apesar de já ter feito parte das escolas de Coimbra protocoladas com a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, nos últimos anos tem vindo a perder esse contacto, e foi neste ano lectivo, 2013/2014, que a escola voltou a “acolher” os estagiários vindos desta faculdade.

Quando ingressámos neste estágio pedagógico, definimos quais seriam as nossas expectativas iniciais, e podemos garantir que este ano lectivo, esta experiência superou todas essas expectativas pela positiva, pois marcou-nos bastante em termos profissionais e pessoal.

Todas as experienciais, todo o contacto com a comunidade escolar, todos os erros, todas as conquistas alcançadas, todos os dias passados na escola, tudo o que passámos neste ano lectivo, consideramos ter sido produtivo e motivador em termos de todas as aprendizagens adquiridas.

Neste estágio conseguimos identificar três momentos, o primeiro, da chegada à escola, que passou por uma ambientação e adaptação ao ritmo de trabalho de todos os profissionais, que resultou em aprendizagens mais relacionadas com planificação, e transmissão de conhecimentos. O segundo, da interacção com os alunos, e de já sentirmos fazer parte da escola, como se já lá leccionássemos aulas há vários anos, onde as estratégias, a organização e o quotidiano já estavam esquematizadas, havendo espaço ainda para novas situações, que encarámos sempre como uma oportunidade de mudar para melhor e de autocriticarmo-nos. O terceiro momento, o da avaliação final do estagiário e da despedida da escola.

Desta maneira concluímos que este ano de estágio foi muito enriquecedor e finalizamos esta etapa bastante satisfeitos com o trabalho desenvolvido, que foi o melhor possível tanto com os alunos da Escola Secundário D.Duarte, como com os

professores, e ainda para conosco próprios. Esperamos assim ter deixado a nossa marca como futuros profissionais, tanto na escola como aos nossos colegas, professores e alunos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aranha, A. (2007). *Observação de aulas de Educação Física: Sistematização da observação - sistemas de observação e fichas de registo*. Vila Real: UTAD.
- Bandura, A. (1969). *Principles of behavior modification*. New York, Holt, Rinehart & Winston.
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, v. 84, p.1215-1291.
- Bento, O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte, Lisboa.
- Bento, J. O. (2003) *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte, Lisboa.
- Caetano, S. & Silva, M. (2009). Ética Profissional e Formação de Professores. *Revista de Ciências de Educação*, 08, pp. 49-60.
- Chritina, R.; Corcos, D. (1988). *Coaches Guide Teaching sport skills*, Human Kinetics Publishers, Champaign, Illinois.
- Claro, R. D., & Filgueiras, I. P. (2009). Dificuldades de gestão de aula de professores de Educação Física em início de carreira na escola. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 8, pp.9–24.
- Ferreira, V. (1994). Contributos para a caracterização e organização das sessões de Educação Física e Desporto. *Revista Ludensl*, Vol 14, nº 4.
- Freire, A. M. (2001). Concepções orientadoras do processo de aprendizagem do ensino nos estágios pedagógicos. *Colóquio: modelos e práticas de formação inicial de professores*.
- Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo. Das intenções aos Instrumentos*. Porto: Porto Editora.
- Hebrard, A (1974). Les limites de la démonstration, *Annales de IENSEPS*, (5) Jun, Paris.
- Kulinna, C. (2003). Students' Perspectives on Direct, Peer, and Inquiry Teaching Strategies. *Journal of Teaching in Physical Education*, 2006, 25, 166-181
- Nobre, P. (2011). *Desenvolvimento Curricular – Material de Apoio da unidade curricular – FCDEF-UC*.
- Nobre, P. (2012), *Material de apoio à disciplina de Avaliação Pedagógica em Educação Física*, Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

- Pacheco, J. A. B. (2002). Critérios de avaliação na escola. In *Avaliação das aprendizagens: das concepções às práticas.*, pp. 53–64. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Piroló, A. L. (2004). El trabajo pedagógico de los profesores de educación física de la enseñanza fundamental de Maringá, Paraná, Brasil: un estudio de casos. *Programa de post-grado en Educación - Desarrollo profesional e Institucional para la Calidad Educativa. Universidad de barcelona.*
- Ribeiro, L. (1999). Tipos de Avaliação. *Avaliação da Aprendizagem.* Lisboa: Texto Editora. (pp. 75-92).
- Rosado, A. et al. (2002). Critérios gerais de conceção de sistemas e instrumentos de avaliação: aplicação à Educação Física e às Ciências do Desporto. (pp. 99-149). Lisboa: Omniserviços
- Sarmiento, P. (1992). A demonstração como processo de auto-observação. In Pedro Sarmiento et al, *Pedagogia do Desporto: Estudos 1* (pp.18-26). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana.
- Siedentop, D. (1983). *Development teaching skills in Physical Education*, Second edition. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.
- Siedentop, D. (1998). *Aprender a Enseñar la Educación Física.* Barcelona: INDE Publicaciones.
- Silva, E. (2012). *Didática da Educação Física.- Material de Apoio da unidade curricular – FCDEF-UC.*

7. ANEXOS

Anexo I - Materiais/Equipamento de Educação Física

			Usado	Novo
Bolas	Andebol		12	15
	Basquetebol		14	8
	Futebol		9	30
	Voleibol	couro	18	13
	Voleibol	nylon	7	
	Ténis	normal	7	11
	Ténis	lenta	10	21
	Ténis de mesa		6	
	Medicinais		3	
Sacos de bolas				7
Raquetes	Ténis		25	10
	Badminton		17	
	Speedminton		4	
	Volantes		18	104
	Speeders		4	
	Apitos		3	
Cones	pequenos		44	
	médios		10	
	grandes		8	
Outros	Canoas		15	7
	Pagaias		30	20
	Cordas		12	
	Fita métrica		1	
	Balança		1	
	Cronómetro		0	
Informática	Computador		1	
	Impressora		1	
	Projector de vídeo		1	

Anexo II – Cronograma

Cronograma de funcionamento																																									
Curso:		Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos																	Ano Letivo 2013/2014																						
Turma:		3º PSI																	Disciplina:		Educação Física																	Turnos:		não tem	
Setembro																																									
Dia	16	17	18	19	20	23	24	25	26	27	30																	Tempos	Horas												
	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3																	6	4,5												
Outubro																																									
Dia	1	2	3	4	7	8	9	10	11	14	15	16	17	18	21	22	23	24	25	28	29	30	31	Tempos	Horas																
	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3	0	0	0	12	9																
Novembro																																									
Dia	1	4	5	6	7	8	11	12	13	14	15	18	19	20	21	22	25	26	27	28	29	Tempos	Horas																		
	0	3	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3	0	0	0	0	12	9																		
Dezembro																																									
Dia	2	3	4	5	6	9	10	11	12	13	16	17											Tempos	Horas																	
	3	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3	0											9	6,75																	
Janeiro																																									
Dia	6	7	8	9	10	13	14	15	16	17	20	21	22	23	24	27	28	29	30	31	Tempos	Horas																			
	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3	0	0	0	0	9	6,75																			
Fevereiro																																									
Dia	3	4	5	6	7	10	11	12	13	14	17	18	19	20	21	24	25	26	27	28	Tempos	Horas																			
	3	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6	4,5																			
Totais																																									
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Segmentos	Horas	Situação																												
	6	12	12	9	9	6	0	0	0	0	54	40,5	40,5	29,3	11	0	40,5																								
Módulo 14	Atividades de Exploração da Natureza										nº	12	9																												
Módulo 12	Jogos Desportivos Coletivos - III										nº	12	9																												
Módulo 13	Ginástica - III										nº	12	9																												
Módulo 15	Dança - III										nº	9	6,75																												
Módulo 5	Aptidão Física										nº	6	4,5																												
Módulo 16	Atividade Física / Contextos e Saúde - III										nº	3	2,25																												
	total											54	40,5																												

Anexo III – Plano de aula

Escola Secundária D. Duarte				
Núcleo de Estágio de Educação Física				
Plano de aula		Ano/Turma: 3º PSI		
Nome: Filipe Oliveira	Aulas nº: 46, 47 e 48	Período: 2º	Data: 27/01/2014	Início: 15:40h Fim: 18:05h
Módulo: Dança III e Aptidão Física	Aulas nº: 7, 8 e 9	De um total de: 9	Local: Galeria/	
Nº de alunos previstos: 10		Duração da aula: 135 minutos	Tempo útil: 105 minutos	
Competências a desenvolver: Aeróbica: Criação das coreografias para a avaliação sumativa; Aptidão Física: Teste do Fitnessgram				
Função Didáctica: Exercitação e Consolidação, Avaliação Sumativa.				
Recursos materiais: Computador, Aparelhagem e cabos.				

	Tempo		Tarefas/ Situções de aprendizagem	Condições de realização e organização	Objetivos específicos / Critérios de Êxito	Estilos de Ensino	Palavras- chave
	Hora	TP					
Parte Inicial	15:40	5'	Chegada dos alunos Controlo de presenças	À medida que os alunos chegam, colocam-se dispostos em meio círculo e respondem à chamada			Presenças
	15:45	5'	Preleção Inicial Explicação dos objetivos e funcionamento da aula.	Os alunos dispostos em meio círculo conversam com o professor e ouvem os objetivos da aula.	Os alunos ficam a saber quais os objetivos e ordem de tarefas da aula.	Comando	Coreografia da última aula; Criação de Coreografias de avaliação; Fitnessgram;
	15:50	10'	Contagem de tempos musicais (Consolidação)	Os alunos sentados nos grupos formados e em meio círculo virados para o professor, fazem a contagem dos tempos, ajudando-se uns aos outros a entrar nos tempos.	Os grupos ajudam-se a saber ouvir a música e a contar os tempos.	Recíproco	Levantar a mão quando passar 8 tempos. Bater palmas... De olhos fechados...
	16:00	15'	Aquecimento Coreografia de 64 tempos da última aula	Os alunos dispostos em Xadrez, relembram e realizam a Coreografia da aula anterior seguindo o professor.	Os alunos realizam corretamente a coreografia, entrado nos tempos certos e realizando todos os movimentos envolventes nesta.	Comando.	Deslocamentos em várias direções; Vários tipos de passos;
Parte Fundamental	16:15	30'	Início da construção das coreografias finais	Os alunos, nos grupos já elaborados na aula anterior, iniciam a construção da coreografia final de 64 tempos.	Os alunos começam juntar e/ou criar passos enquadrando-os com os tempos musicais, de maneira a criar uma coreografia.	Tunefin/Recíproco	Lembrem-se que podem inventar; Sugerir no caso de demasiado simples ou complexo. Em silêncio, vamos assistir...
	16:35	15'	Apresentação da coreografia à turma	Enquanto um grupo apresenta à turma a coreografia, os outros grupos sentados no chão observam em silêncio, podendo no final dar a sua opinião.	Os alunos conseguem observar a apresentação dos outros grupos, dando a sua opinião final sobre esta, de maneira a ajudar os colegas.	Recíproco/Tunefin	O que acharam que este grupo pode melhorar?
	16:55	5'	5 minutos de intervalo	Os alunos dirigem-se ao balneário para beber água e voltam para o pavilhão.		Rápido e sem brincadeira!! Vai vem – Aptidão aeróbia Ab. e E.braços – Força e resistência muscular; Composição
	17:00	35'	Realização da Bateria de Testes do Fitnessgram (Vai vem, Abdominais, E.Reação Santa e	Os alunos todos ao mesmo tempo, quando possível, realizam os testes sem brincadeira e	Os alunos realizam os testes ordeiramente, empenhando-se ao máximo, de maneira a obter o melhor	Tunefin	

Anexo IV - Relatório Reflexivo de aula

A aula teve início no horário previsto, desta vez com todos os alunos presentes e mais um aluno que habitualmente não faz Educação Física, mas tem o Módulo da Aptidão Física em atraso. Informei este aluno que só na segunda parte da aula é que iríamos abordar fazer os testes do fitnessgram, mas este ainda assim quis participar no início da aula.

Como planeado segui com o exercício de contagem dos tempos, com os grupos sentados no banco, onde os alunos começaram a comunicar entre si, dando feedback uns aos outros sobre os tempos musicais.

Sem me querer prolongar muito com este exercício, passei de seguida ao aquecimento, onde iria encontrar uma grande dificuldade. Apesar da maioria da turma se lembrar da coreografia o aluno que faltou na aula passada, e o aluno “novo”(com o módulo em atraso), não sabiam a coreografia, o que me fez optar por colocar a turma a realizar apenas os 32 tempos iniciais e começar a explicar mais individualmente a coreografia a estes dois alunos. Porém, o aluno que apenas queria finalizar o módulo da Aptidão Física, pediu-me se podia sentar-se, ao qual eu respondi que sim, visto que este não mostrou estar interessado na aula, sem vontade de aprender e ainda ter dito “eu já fiz este módulo” enquanto eu o corrigia. Portanto, ao fim de conseguir ensinar a coreografia ao aluno que tinha faltado na aula anterior, a turma realizou os 32 tempos da coreografia cerca de 4 vezes, podendo assim atingir o objectivo pretendido, o do aquecimento.

Passando à parte fundamental, pedi aos alunos que se organizassem nos grupos já formados, inseri o aluno que tinha faltado num dos grupos e pedi que comessem a “criar”. Neste espaço de 30 minutos a minha tarefa foi a de ir acompanhando os grupos, sugerindo alguns tipos de passos, tirando dúvidas que pudessem surgir e corrigir quando necessário.

A crítica construtiva que recebi no final da aula sobre a organização desta tarefa, foi a de que, deveria atribuir menos tempo para os alunos estarem a trabalhar sozinhos, pedindo que estes me apresentassem com mais frequência os passos que estavam a inserir na coreografia. Desta maneira teria um melhor controlo sobre o trabalho dos alunos, poderia atribuir mais feedbacks e os alunos não se “perdiam” na realização do trabalho pedido.

No final dos 30 minutos os grupos apresentaram a coreografia de 32 tempos que realizaram, mas esta não teve o impacto pretendido, visto que o resto da turma estava concentrado nas suas coreografias, não prestando atenção à coreografia do grupo que estava a apresentar. Apesar disso, foi-me possível filmar de maneira a analisar e mostrar aos alunos na próxima aula, corrigir alguns pormenores, sugerir algumas alterações e fazer uma avaliação formativa...

Anexo VI – Tabela de registo da avaliação FormativaAvaliação Formativa - 14 Módulo

Nº	Nome	Entrada e saída do caiaque		Deslocamentos	
	Técnicas	Embarque	Desembarque	Propulsão	Retropulsão
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					

Anexo VII – Grelha da avaliação Sumativa (Aeróbica)

Grupo	Nome	Avaliação prática da coreografia						Classificação dos tempos coreograficos	
		Ritmo	Sincronismo	Coordenação	Expressividade	Tempos Coreográficos	Nota Final		
1							16,2	64 tempos	20v
							13,2	32 tempos	15v
							16,6	16 tempos	10v
							13,0	8 tempos	5v
2							16,2	0 tempos	0v
							13,6		
							12,6	Ritmo	
3							14,6	Sincronismo	
							13,6	Coordenação	
							16,6	Expressividade	

Anexo VIII – Ficha de Auto-Avaliação Modular

Data: ___/11/2013

Aluno		N.º	
Disciplina	Educação Física		
Módulo	Ginástica III	N.º	13

Escala: F – Fraco; R – Razoável; B – Bom; MB – Muito Bom

COMPORTAMENTOS	F	R	B	MB	Class.
Assiduidade	0,1	0,3	0,4	0,5	
Pontualidade	0,1	0,3	0,4	0,5	
Participação ativa nas atividades: - Trazer o material necessário - Esforçar-se por realizar as tarefas - Prestar atenção à informação	1	2	3	4	
Entreajuda e cooperação: - Respeitar as regras estabelecidas para a aula - Respeitar o professor e os colegas	0,5	1	1,5	2	
Domínio da acrobática: Segurança ao grupo; Pegas, Elemento Individuais, Figuras a pares, Figuras a trios e Figuras grupo/ alternativas	4	7	10	13	
Classificação que penso merecer neste módulo	Soma 				

Anexo IX – Ficha de Observação (Demonstração)



Escola Secundária D. Duarte
Ano Letivo 2013/2014

Registo do tipo de demonstração

Data: ___/___/___	Professor(a): <u>Filipe Oliveira</u>	Observador(a): _____
Turma: <u>10°C</u>	Unidade didática: <u>Ténis</u>	Aula: ___ de: ___

Nº Demonstração	Parte da aula	Nota Tarefa	Modelo			Momento			Forma			Direcção		
			Professor	Aluno (+)	Aluno (-)	Antes	Durante	Depois	Frente	Costas	Perfil	Aluno	Grupo	Turma
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														

Parte da aula:

Inicial
Fundamental
Final

Modelo:

Professor demonstra
Aluno (+) bom executante
Aluno (-) mau executante

Momento:

Antes
Durante
Depois

} Da tarefa

Forma: Refere-se à posição do demonstradorDirecção: Refere-se para quem está a ser demonstrado

Anexo X – Inquérito (Demonstração)

Questionário

Avaliação das Preferências do Tipo de Demonstração

Este questionário foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, com o objectivo de conhecer as preferências do tipo de demonstração dos alunos durante as aulas de Educação Física. Solicitamos assim o preenchimento do presente questionário, seleccionando a opção que mais se adequa à sua opinião.

A tua resposta sincera é importante para o estudo em causa, sendo este questionário de carácter anónimo.

Coloca um X, na escala de 1 a 4, de acordo com o grau da tua opinião sobre cada uma das afirmações seguintes:

1: Discordo Totalmente; 2: Discordo; 3: Concordo; 4: Concordo Totalmente

	1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
1- Prefiro ver uma demonstração feita pelo professor do que por um colega de turma.				
2- Prefiro ver a demonstração depois de realizar o exercício.				
3- Prefiro ver a demonstração feita de costas para mim do que de frente ou de lado.				
4- Prefiro que a demonstração seja feita só para mim do que para a turma ou para o meu grupo.				
5- Prefiro ver uma demonstração feita por um colega que realize bem em vez de uma demonstração pelo professor.				
6- Prefiro ver a demonstração após uma interrupção do exercício que estava a executar, retomando depois à prática.				

7- Prefiro observar a demonstração sempre de frente e não de lado ou de costas.				
8- Prefiro que a demonstração seja feita só para o meu grupo do que para a turma ou só para mim.				
9- Prefiro ver uma demonstração feita por um colega que realize mal que me permita detectar erros do que pelo professor ou por um colega que realize bem.				
10- Prefiro ver a demonstração antes de executar o exercício.				
11- Prefiro que a demonstração seja feita de perfil.				
12- Prefiro que a demonstração seja feita para toda a turma.				

Género

	X
Feminino	
Masculino	

Muito obrigado!

Anexo XI – Resultados da análise dos inquéritos

Q1-Prefiro ver uma demonstração feita pelo professor do que por um colega de turma

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo	3	15.0
Concordo	12	60.0
Concordo Totalmente	5	25.0
Total	20	100.0

Q2-Prefiro ver a demonstração depois de realizar o exercício

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo	3	15.0
Totalmente		
Discordo	9	45.0
Concordo	2	10.0
Concordo	4	20.0
Totalmente		
Não Respondeu	2	10.0
Total	20	100.0

Q3-Prefiro ver a demonstração feita de costas para mim do que de frente ou de lado

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo Totalmente	10	50.0
Discordo	5	25.0
Concordo	3	15.0
Concordo Totalmente	2	10.0
Total	20	100.0

Q4-Prefiro que a demonstração seja feita só para mim do que para a turma ou para o meu grupo

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo Totalmente	9	45.0
Discordo	7	35.0
Concordo	2	10.0
Concordo Totalmente	1	5.0
Não Respondeu	1	5.0
Total	20	100.0

Q5-Prefiro ver uma demonstração feita por um colega que realize bem em vez de uma demonstração pelo professor

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	2	10.0
Discordo	8	40.0
Concordo	5	25.0
Concordo Totalmente	5	25.0
Total	20	100.0

Q6-Prefiro ver a demonstração após uma interrupção do exercício que estava a executar, retomando depois à prática

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	2	10.0
Discordo	4	20.0
Concordo	8	40.0
Concordo Totalmente	6	30.0
Total	20	100.0

Q7-Prefiro observar a demonstração sempre de frente e não de lado ou de costas

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	1	5.0
Discordo	1	5.0
Concordo	9	45.0
Concordo Totalmente	9	45.0
Total	20	100.0

Q8-Prefiro que a demonstração seja feita só para o meu grupo do que para a turma ou só para mim

Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Discordo Totalmente	4	20.0
Discordo	11	55.0
Concordo	4	20.0
Concordo Totalmente	1	5.0
Total	20	100.0

Q9-Prefiro ver uma demonstração feita por um colega que realize mal que me permita detectar erros do que pelo professor ou por um colega que realize bem

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo Totalmente	4	20.0
Discordo	10	50.0
Concordo	3	15.0
Concordo Totalmente	3	15.0
Total	20	100.0

Q10-Prefiro ver a demonstração antes de executar o exercício

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo Totalmente	1	5.0
Discordo	2	10.0
Concordo	11	55.0
Concordo Totalmente	6	30.0
Total	20	100.0

Q11-Prefiro que a demonstração seja feita de perfil

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo Totalmente	1	5.0
Discordo	9	45.0
Concordo	7	35.0
Concordo Totalmente	3	15.0
Total	20	100.0

Q12-Prefiro que a demonstração seja feita para toda a turma

Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Discordo Totalmente	1	5.0
Discordo	2	10.0
Concordo	8	40.0
Concordo Totalmente	9	45.0
Total	20	100.0

Q1-Prefiro ver uma demonstração feita pelo professor do que por um colega de turma

Género	Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Masculino	Discordo	2	20.0
	Concordo	6	60.0
	Concordo Totalmente	2	20.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo	1	10.0
	Concordo	6	60.0
	Concordo Totalmente	3	30.0
	Total	10	100.0

Q2- Prefiro ver a demonstração depois de realizar o exercício

Gênero	Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Masculino	Discordo Totalmente	1	10.0
	Discordo	4	40.0
	Concordo	2	20.0
	Concordo Totalmente	2	20.0
	Não Respondeu	1	10.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo Totalmente	2	20.0
	Discordo	5	50.0
	Concordo Totalmente	2	20.0
	Não Respondeu	1	10.0
	Total	10	100.0

Q3- Prefiro ver a demonstração feita de costas para mim do que de frente ou de lado

Gênero	Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Masculino	Discordo Totalmente	6	60.0
	Discordo	2	20.0
	Concordo	1	10.0
	Concordo Totalmente	1	10.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo Totalmente	4	40.0
	Discordo	3	30.0
	Concordo	2	20.0
	Concordo Totalmente	1	10.0
	Total	10	100.0

**Q4- Prefiro que a demonstração seja feita só para mim do que para a turma
ou para o meu grupo**

Gênero	Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Masculino	Discordo Totalmente	5	50.0
	Discordo	3	30.0
	Concordo Totalmente	1	10.0
	Não Respondeu	1	10.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo Totalmente	4	40.0
	Discordo	4	40.0
	Concordo	2	20.0
	Total	10	100.0

Q5- Prefiro ver uma demonstração feita por um colega que realize bem em vez de uma demonstração pelo professor

Gênero	Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Masculino	Discordo Totalmente	2	20.0
	Discordo	3	30.0
	Concordo	2	20.0
	Concordo Totalmente	3	30.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo	5	50.0
	Concordo	3	30.0
	Concordo Totalmente	2	20.0
	Total	10	100.0

Q6- Prefiro ver a demonstração após uma interrupção do exercício que estava a executar, retomando depois à prática

Género	Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Masculino	Discordo	3	30.0
	Concordo	4	40.0
	Concordo Totalmente	3	30.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo Totalmente	2	20.0
	Discordo	1	10.0
	Concordo	4	40.0
	Concordo Totalmente	3	30.0
	Total	10	100.0

Q7- Prefiro observar a demonstração sempre de frente e não de lado ou de costas

Gênero	Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Masculino	Discordo Totalmente	1	10.0
	Concordo	3	30.0
	Concordo Totalmente	6	60.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo	1	10.0
	Concordo	6	60.0
	Concordo Totalmente	3	30.0
	Total	10	100.0

Q8- Prefiro que a demonstração seja feita só para o meu grupo do que para a turma ou só para mim

Gênero	Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Masculino	Discordo Totalmente	2	20.0
	Discordo	7	70.0
	Concordo	1	10.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo Totalmente	2	20.0
	Discordo	4	40.0
	Concordo	3	30.0
	Concordo Totalmente	1	10.0
	Total	10	100.0

Q9- Prefiro ver uma demonstração feita por um colega que realize mal que me permita detectar erros do que pelo professor ou por um colega que realize bem

Género	Resposta	Frequência	Percentagem (%)
Masculino	Discordo Totalmente	1	10.0
	Discordo	6	60.0
	Concordo	2	20.0
	Concordo Totalmente	1	10.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo Totalmente	3	30.0
	Discordo	4	40.0
	Concordo	1	10.0
	Concordo Totalmente	2	20.0
	Total	10	100.0

Q10- Prefiro ver a demonstração antes de executar o exercício

Gênero	Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Masculino	Discordo Totalmente	1	10.0
	Concordo	8	80.0
	Concordo Totalmente	1	10.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo	2	20.0
	Concordo	3	30.0
	Concordo Totalmente	5	50.0
	Total	10	100.0

Q11- Prefiro que a demonstração seja feita de perfil

Gênero	Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Masculino	Discordo Totalmente	1	10.0
	Discordo	4	40.0
	Concordo	4	40.0
	Concordo Totalmente	1	10.0
	Total	10	100.0
Feminino	Discordo	5	50.0
	Concordo	3	30.0
	Concordo Totalmente	2	20.0
	Total	10	100.0

Q12- Prefiro que a demonstração seja feita para toda a turma

Gênero	Resposta	Frequência	Porcentagem (%)
Masculino	Discordo Totalmente	1	10.0
	Discordo	2	20.0
	Concordo	1	10.0
	Concordo Totalmente	6	60.0
	Total	10	100.0
Feminino	Concordo	7	70.0
	Concordo Totalmente	3	30.0
	Total	10	100.0